

TOMÉ TAVARES CARNEIRO OUTAVAS À JORNADA PELO DOURO ACIMA COM UNS AMIGOS

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO (EDIÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS)

TOMÉ TAVARES CARNEIRO
OUTAVAS À JORNADA
PELO DOURO ACIMA
COM UNS AMIGOS

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO (EDIÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS)

Título: **Tomé Tavares Carneiro. *Outavas à Jornada pelo Douro acima com uns amigos***

Edição, introdução e notas: José Adriano de Freitas Carvalho

Imagem da capa: Pormenor do mapa «O Douro português e país adjacente, com tanto rio quanto se pode tornar navegável em Espanha», da autoria de Joseph James Forrester, editado em 1865.

Design gráfico: Helena Lobo Design www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

FLUP – Via Panorâmica, s/n / 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Fontes, 4

N.º edição: 1517

ISBN: 978-972-36-1306-3 (Edições Afrontamento)

ISBN: 978-989-8351-20-3 (CITCEM)

Depósito legal: 354631/12

Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

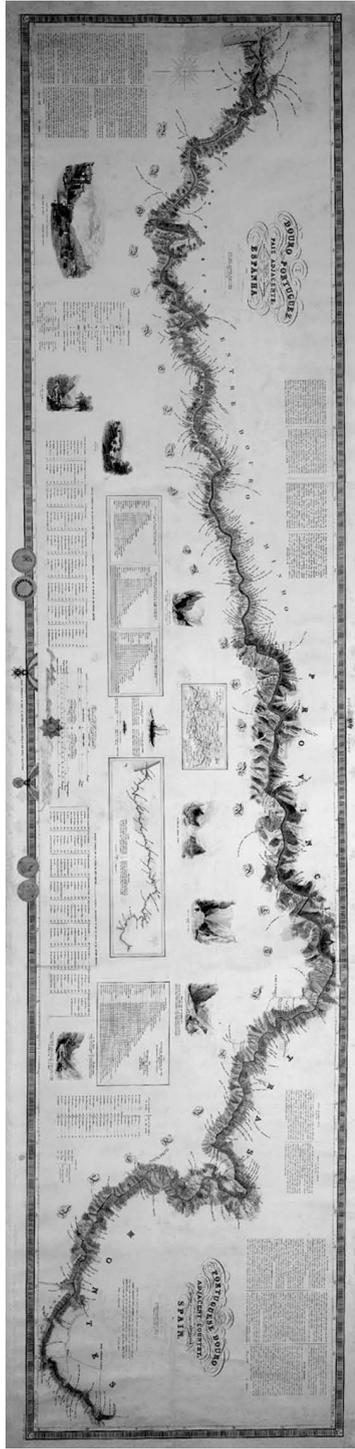
comercial@companhiadasartes.pt

Dezembro de 2012

SUMÁRIO

Introdução	9
Outavas à Jornada pelo Douro acima com uns amigos	45
Apêndice	55
Índice de autores	57

À MEMÓRIA DE MEUS PAIS
QUE ME CRIARAM EM TERRAS DO DOURO
QUE O POETA CELEBRA



Mapa «Douro portuguez e paiz adjacente: Espanha», da autoria de Joseph James Forrester, publicado, pela primeira vez, em 1848.

INTRODUÇÃO

Estamos em crer que o poema dos começos do século XVII – assim imprecisamente, mas anterior a 1634, data da morte do seu autor – que nestas breves notas procuraremos analisar sob alguns aspectos e que aqui editamos em lição discretamente actualizada pelo que respeita à ortografia da cópia que o guarda no ms. 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, merece alguma atenção por três razões:

1 – por um lado, encerra uma narração literária de uma viagem pelo rio Douro que, tanto quanto pudemos apurar, é a única até aos seus dias e a única também até ao século XIX quando o Douro – o rio e região – do Barão de Forrester e da Ferreirinha ganha, com a sua faina e as suas tragédias, foros de ente literário. Mesmo tendo em conta que se trata de uma relativamente amena viagem pelo baixo Douro tal limitação não parece que invalide a sua excepcionalidade;

2 – por outro lado, e isto com maior interesse para a história de muitas das povoações ribeirinhas de uma e outra margem, é, antes e depois da data em que foi escrito, um dos raros textos, senão mesmo o único, em que algumas delas – Melres..., terras de Paiva..., Mourilhe..., Ribeira de Comprentes..., – assomam, umas mais rapidamente que outras, é certo, à literatura portuguesa;

3 – a estes dois aspectos descritivos de uma realidade geográfica regional acresce o tom satírico que organiza o texto, o que, se o não destaca, a não ser pela menor violência de tom e de elaboração estilística, quer de outros poemas satíricos que descrevem as realidades de geografia urbana suas contemporâneas ou a ela aludem – o Porto de Sucarello Claramonte¹, o Valladolid de Luis de Góngora, por exemplo² – quer, mais tarde, de outros roteiros burlescos – a *Jornada de Lisboa para Coimbra* e as *Jornadas de Lisboa para o Alentejo* de Jerónimo Baía³ –, o afasta de outras viagens poéticas satíricas de carácter alegórico do século XVII, como é o caso da *Jornada que Diogo Camacho fez às cortes do Parnaso em que Apollo o laureou*⁴.

*Agradecemos a Bento Amaral, Francisco Ribeiro da Silva, Gaspar Martins Pereira, Luís Fardilha, Manuel J. Moreira da Rocha e Zulmira Coelho dos Santos todos os contributos que nos deram para estas páginas e a Maria de Lourdes Correia Fernandes, minha Vice-reitora, o ter suscitado a ocasião que lhes deu origem.

¹ Um exemplo, entre mais algum, com alusões a figuras do Porto contemporâneas de Tavares Carneiro pode ler-se em AGUIAR E SILVA, Vítor M. P. de (1971) – *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, p. 456-457.

² GÓNGORA, Luis de (1961) – *Obras completas*. Recopilación, prólogo y notas de Juan Millé y Giménez y Isabel Millé Giménez. Madrid: Aguilar, p. 327-329, 472, 473 (três exemplos entre muitos).

³ Jerónimo Baía in *A Fenix renascida*. Lisboa: Oficina dos Herd. de Antonio Pedrozo Galvão, 1746 (2.º ed.), I, p. 238-316.

⁴ Diogo Camacho in *A Fenix renascida*, ed. cit., p. 1-38. E, apesar de estarem em prosa, poderíamos sempre lembrar a «Carta do autor a um amigo, em que lhe dá conta do que passou quando se saiu de Lisboa pela vinda dos ingleses, no ano de 1589» e «Carta para uma sua afeiçoada» de Fernão Rodrigues Lobo Soropita (*Obra poética e em prosa*. Edição de Maria Luísa Linhares de Deus. Porto: Campo das Letras, 2007, p. 261-289), publicação que suplanta em quantidade de textos oferecidos e em cuidados editoriais as *Poesias e prosas inéditas*, com uma prefacção e notas de Camillo Castello Branco. Porto: Typographia Lusitana, 1868, p. 13-22, p. 23-28, respectivamente.

Referimo-nos *À jornada que fez pelo Douro acima com uns amigos* de Tomé Tavares Carneiro (†1634), um poema em oitavas (31) que, apesar de já ter sido publicado em 1941⁵ com algum leve descuido de transcrição e a supressão de alguma palavra então considerada impublicável, continuou, como quase toda a sua obra, até muito recentemente, praticamente inédito⁶.

Como se trata de um poema englobado num conjunto de poesias satíricas do mesmo autor, que um homem de leis, um desembargador mais precisamente, e também poeta e ainda, pesem embora alguns senões que lhe assaca D. António Caetano de Sousa, sério genealogista, natural do Porto, Cristóvão Alão de Morais, muito depois (1652) da morte do autor, recolheu⁷, pulcramente copiou e, em muitos casos, anotou – preciosos paratextos que hoje nos ajudam a situar muitos desses poemas – sob o título de *Obras burlescas*, parece conveniente aludir aqui ao interno contexto literário em que esse poema vem inserido e donde, com alguns cuidados, se poderão inferir algumas coordenadas do contexto cultural em que foi produzido.

Sem que nos interesse agora discutir as distinções subtis entre sátira e burlesco, matéria de que, actualmente, se tem ocupado a crítica histórico-literária em torno de Luis de Góngora e de Francisco de Quevedo⁸, poetas exactamente contemporâneos do nosso autor, anotemos que, pese a tais distinções, a poesia burlesca, sendo satírica, acentua, fundamentalmente, por meio de um cuidado trabalho estilístico, a intenção do seu autor de se rir e, na esperança da cumplicidade dos seus leitores, de fazer rir ou apenas sorrir à custa de gente e circunstâncias do seu entorno social⁹. E digamos desde já que Tomé Tavares Carneiro, sem poupar amigos e parentes, nobres e clérigos, freiras e freiráticos, defeitos físicos e falsas prosápias, modas poéticas, etc., se riu muito dos seus contemporâneos, especialmente dos do Porto, donde era natural, e de Barcelos em cujo termo se situava a igreja de Rio Tinto de que era abade e onde morreu¹⁰. E, como vamos constatar, também dos habi-

⁵ CRUZ, António (1941) – *Tomé Tavares Carneiro, poeta portuense de Seiscentos*. Separata de «Boletim cultural» da Câmara Municipal do Porto. Porto, IV, p. 1, em que, além da edição das *Oitavas à jornada... pelo Douro acima* e de umas leves notas sobre a sua poesia satírica, se documenta a sua biografia e genealogia.

⁶ Publicou-o, naturalmente, Cidália Dinis na sua edição do referido ms., *Obras burlescas de Tomé Tavares*. Estudo e edição crítica. München: Martin Meidenbauer, 2008, meritório trabalho, independentemente da discutível estrutura editorial e de certos despistes quer na leitura do original (tão evidentes e curiosos alguns que dir-se-iam gralhas...) quer nas identificações topográficas. Por razões de ordem prática, pois só muito tardiamente viemos a conhecer esta edição, continuaremos a remeter para a foliação do ms.

⁷ Ao dizer «recolheu» referimo-nos ao legado poético transmitido na sua cópia, embora não saibamos se o copiou de uma colecção já formada ou da reunião de manuscritos avulsos, como provavelmente teriam circulado as sátiras de T. Tavares Carneiro.

⁸ LASHERAS, Antonio Pérez (2009) – *Piedras preciosas. Otros aspectos de la poesia de Góngora*. Granada: Universidad de Granada, p. 17-76.

⁹ LASHERAS, Antonio Pérez – *Piedras preciosas. Otros aspectos de la poesia de Góngora*, ed. cit., p. 46, 49-50, 54 *et passim*; AGUIAR E SILVA, Vítor M. P de – *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, ed. cit., p. 441-457.

¹⁰ Cidália Dinis, *Obras burlescas de Tomé Tavares*, ed. cit., p. 37-47, desenvolve, recorrendo a valiosa documentação arquivística, as já citadas breves notas biográficas e genealógicas que António Cruz tinha dado em 1941, e anotou cuidadosamente os documentos e textos editados.

tantes das terras por que foi passando ao subir o rio Douro. Aliás, esta variação de casos criticáveis mudados em alvos criticados, combinada com a variação das formas métricas, erguia a variedade, como deverá ter percebido Alão de Morais ao reunir o «cancioneiro» do poeta português, em coordenada estética.

Sem esquecer as tradições da Idade Média¹¹, muito especialmente desse seu Outono que, sob tantos aspectos, ainda se estende pelos anos de Quinhentos, muita da sátira poética do desenganado Outono do Renascimento¹² – há quem proponha, olhando ao caso de Góngora e de Quevedo, que o primeiro testemunho da designação de burlesco date de 1609¹³ –, revela-se como uma poesia de divertimento (*sub specie recreationis*)¹⁴, o que, porém, não impede, em muitos casos, a séria lição moral dessa poesia de burlas, isto é, de graças, graças estas muitas vezes desapiedadas, é verdade, roçando a pura invectiva, invectiva que, por sua vez, chega mesmo a ser *ad hominem*.

Nestes últimos casos, sabendo nós quanto o ressentimento é um dos motores da História, seria interessante – tão interessante como difícil – poder, algum dia, ponderar a parte do possível ressentimento pessoal nos sarcasmos de Tavares Carneiro¹⁵.

Atendendo aos principais géneros e metros poéticos usados – motes, quintilhas, redondilhas, romances, a par de três sonetos e uns tercetos parodiando uma égloga (*Silvia*) de *O Lima* de Diogo Bernardes – o que o colecionador, Cristóvão Alão de Morais, reuniu foi, para nos servirmos dos próprios termos da crítica literária do século XVII, uma colecção formada, principalmente, por «obras menores». Destas, nem preciso seria lembrá-lo, havia inteiros cancioneros que, em geral, corriam manuscritos, pois a poesia satírica, nestes fins do século XVI e começos do século XVII, não estava tão bem vista que se julgasse oportuna ou sem riscos a sua publicação, especialmente quando o poeta abundava em termos ou conceitos que roçavam a obscenidade, a coprografia, o mal oloroso ou punha em causa a honorabilidade dos seus alvos. As atribuições da primeira edição das poesias de Góngora (1627), cujas «obras menores» precisamente provocaram polémicas e acusações – à Inquisição, nomeadamente¹⁶, vindo muitos desses poemas a ser suprimidos em colecções posteriores – cautela esta que, evidentemente, não significou deixar de ser lidos, apreciados e imitados – e o desterro de um poeta como o conde de Villamediana (1618) em consequência das suas violentas e constantes sátiras *ad hominem*, são factos exactamente

¹¹ Como sugestivo estudo de conjunto, baste recordar MARTINS, Mário (1978) – *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos*. Lisboa: MEIC.

¹² Aludimos à obra de BOUWSMA, William J. (2001) – *El otoño del Renacimiento*. Barcelona: Editorial Crítica.

¹³ LASHERAS, Antonio Pérez – *Piedras preciosas. Otros aspectos de la poesía de Góngora*, ed. cit., p. 46.

¹⁴ LASHERAS, Antonio Pérez – *Piedras preciosas. Otros aspectos de la poesía de Góngora*, ed. cit., p. 39, 46, 49-50, 54, 56 *et passim*.

¹⁵ FERRO, Marc (2007) – *Le ressentiment dans l'Histoire*. Paris: O. Jacob. (Trad. port. *O ressentimento na História*. Lisboa: Teorema, 2009).

¹⁶ Estudou a questão Dámaso Alonso na sua introdução à edição facsimilada de GÓNGORA, Luis de (1963) – *Obras en verso del Homero español que recogió Juan López de Vicuña*. Madrid: CSIC, p. XIX-L; LASHERAS, Antonio Pérez – *Piedras preciosas. Otros aspectos de la poesía de Góngora*, ed. cit., p. 32-33.

contemporâneos de Tavares Carneiro que, talvez por cautela sua ou dos seus possíveis editores – independentemente do que, sob a autoridade de D. Antonio Rodríguez Moñino, se possa discorrer sobre a edição de textos poéticos no século XVI e XVII –, nunca viu obra sua impressa. Mas, como sabemos, vinte anos depois da sua morte ainda havia quem achasse dignas de serem lidas, conservadas e anotadas as designadas, pelo seu colecionador, *Obras burlescas* de Tavares Carneiro.

Começemos, então, para podermos melhor situar a *Jornada pelo Douro acima*, por recordar alguns vectores da sua poesia satírica que, em geral, como já lembramos, tem como fito imediato o contexto social concreto que envolve o poeta, pelo que podemos dizê-la, talvez melhor que realista, uma poesia de proximidade, proximidade essa que, por vezes, como que anulando a distância entre o observador e o observado que exige a crítica – mas não a sátira –, dá origem a grotescas caricaturas.

Das personagens do Porto e de Barcelos a quem, sem comiseração, visou nas suas críticas – Francisco Rodrigues de Carvalho, Pedro da Cunha, Jerónimo de Mesquita de Mendonça, Luís Álvares Sobagua, Jorge Carneiro, Pêro Lopes Camelo, Pantaleão Seabra de Sousa, um Juiz de Barcelos, Pero Vaz Cirne, o 1.º conde de Miranda, tudo gente da governança civil ou eclesiástica de Barcelos e do Porto, além de alguns anónimos – destaquemos, para já, porque alvos maiores das suas críticas, Francisco Rodrigues de Carvalho e Pêro Lopes Camelo.

O primeiro, o importante Mestre-Escola da colegiada de Barcelos¹⁷, clérigo, portanto, pertencente à Ordem de Malta, além de ter como criado um bêbedo, Pedro, que longamente celebrado nos tercetos parodiando a já aludida écloga de Diogo Bernardes, até recebe alguma compaixão pela sua obsessiva inclinação ao sexo e ao vinho, gozava da fama de não pagar ou de pagar tarde o dinheiro que nas suas mãos punham a ganho. Disso é prevenida uma freira de Santa Clara que a esse título lhe entregara 60.000 réis:

*Os sessenta mil, senhora,
de que saudosa estareis,
nem por tardarem cuideis,
o que dizem cá fora:
que tarde ou nunca os vereis.*

*Quem os traz, trá-los em ouro,
Mas não vo-los torna à mão,
Porque com esta invenção*

¹⁷ SOARES, Franquelim Neiva – *A Colegiada de Barcelos das origens ao século XVI*. «Barcelos», 2.ª Série, 5 (1994), p. 5-38; José Adílio Barbosa Macedo, *A Colegiada de Santa Maria de Barcelos. Sua formação – suas dignidades*. *Actas do Congresso Barcelos terra condal*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, 1999, p. 99-136, estuda (p. 111-112) o aparecimento, funções e rendimentos desta dignidade do cabido da Colegiada.

*Como em lugar de tesouro
Tenhais nele o coração.*

*Verdade seja, porém,
Que vão correndo sem risco,
Porque o Francisco que os tem,
Isto só tem de Francisco:
Nunca às riquezas quis bem. [fl. 5v-6r]¹⁸*

A fama da sua avidez crematística – teremos notado a ironia do jogo verbal que contrasta um Francisco (o Chantre) e outro Francisco (o Santo) – corria de par com a de ladrão e de protector de ladrões, como o explicita Tomé Tavares Carneiro em um soneto dirigido *Ao Mestre-Escola de Barcelos, partindo-se para o Alentejo, contrafeito do soneto de Camões que começa Alma minha gentil*:

*Mestre-Escola, maltez, que te partiste,
Tão cedo de Barcelos e tua gente,
Furtem eles lá na pátria eternamente,
Deixem Barcelos já roubada e triste.*

*Se lá nesse Alentejo onde surgiste,
Memória da Vieira¹⁹ se consente,
Lembra-te tu daquele amor ardente
Com que do seu farelo te serviste.*

*E se achares que pode merecer-te
Quem cá o seu dinheiro te emprestou
O gosto de perdê-lo com perder-te,*

*Roga tu a quem Arcos te arrendou
Para mais empenhar-te queira ir ver-te
Tão cedo quão barato lhe custou.*

Passemos algumas referências deste soneto que hoje nos escapam, e consideremos apenas que, se Alentejo é muita terra para saber para onde exactamente partiu – ou fugiu? – Francisco Rodrigues de Carvalho, não podemos, contudo, esquecer que Barcelos era um

¹⁸ Como prevenimos, actualizamos discretamente a ortografia do ms. de acordo com as normas que apontamos na edição da *Jornada que fez o autor pelo Douro acima com uns amigos*. Entre [...] indicamos a localização dos textos de acordo com a foliação do ms.

¹⁹ Sublinhado no ms. com a seguinte anotação lateral: «Vieira era a padeira de Barcelos que lhe vendia farelos para o cavalo».

domínio dos duques de Bragança, sediados em Vila Viçosa.... Aliás, há ainda outros poemas na obra de Tavares Carneiro que remetem para essa relação senhorial²⁰ que seria também uma relação protectora que, pelo que pessoalmente lhe dizia respeito, o Mestre-escola adivava com delicados presentes²¹. Por algo, Tavares Carneiro, em um romance comentando esta ou uma outra viagem do *mesmo Mestre-Escola indo-se para o Alentejo*, lembrava:

*No peito ãa cruz de Malta
que pôs a seu alvedrio,
se foi acaso sem ordem.
Já deu à penhora o sizo
no meio de dous ladrões
a quem tinha prometido
levar a Vilaviçosa
onde tem seu Paraíso. [fl. 38v]*

De qualquer modo, Francisco Roiz de Carvalho, sendo mau pagador – se é que pagava –, talvez mesmo usurário, era, principalmente, ladrão não só de dinheiro, mas também de cavalos, como sugerem outros poemas, e ainda de tudo quanto lhe pudesse servir:

*Conservador da Ordem dos Malteses
Em quem chove como na rua,
Mudável muito mais que a mesma lua
Vida vária composta de entremeses;*

*Perdida como fato de franceses,
Casa sem enchoval, de roupa nua,
Que te serves da alheia como tua,
Vai para doudo de ãa até cem vezes.*

*A terra que te deu essa te gaste,
A puta que te gasta e te empenha,
Com frade se entretenha e se desbaste:*

²⁰ Há umas quintilhas *Ao dó que tiraram os vereadores de Barcelos pelo duque de Bragança*, fl. 4r-4v que haverá que referir à morte do duque D. Teodósio II, em 12. 11. 1630 (SOUZA, D. António Caetano de (1949) – *Historia genealógica da Casa Real Portuguesa*. Nova ed. revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado. Coimbra: Atlântida Liv. Editora, VI, 18, p. 292) pelo que o poema deverá ser de qualquer momento dos fins desse ano ou dos começos do seguinte.

²¹ Veja-se, por exemplo, o romance *Ao duque de Bragança em nome do Mestre-escola de Barcelos que lhe mandou ãa caixa de confeitos que lhe deu o arcebispo D. Afonso Furtado* [fl. 18v-19r]. Ainda que não nos atrevamos a relacionar os factos, anotemos, porém, que Franquelim Neiva Soares, *A Colegiada de Barcelos das origens ao século XVI*. «Barcelos», 2.ª Série, 5 (1994), p. 22, permite saber que em 1624 o arcebispo de Braga visitou canonicamente a Colegiada.

*Besta que te trouxer nunca cá venha,
As três te morram que de cá levaste
E quem de ti as fiou más Páscoas tenha. [fl. 7r-7v]*

A ávida mesquinhez que transparecia na sua casa – «casa sem enxoval, de roupa nua, / que te serves da alheia como tua...» – desdobra-a o poeta em outros bens. E, por tal, aproveitando o conhecido romance da perdição de Zamora, escreve *A Manuel Preto, de Barcelos, avisando-o que escondesse uns leitões do Mestre-Escola*:

*Nesta rua anda um bando
que é de mamotes de sizo;
o Mestre-Escola tem gancho:
«Rey don Sancho, rey don Sancho
no digas que no te aviso».*

Se a estes dados somarmos os seus miseráveis amores quer com prostitutas que o enganavam com frades – «A puta que te gasta e te empenha, / Com frade se entretenha e se desbaste» – quer com a padeira (a Vieira da glosa do citado soneto camoneano, de acordo com a apostilha do colecionador) que lhe vendia os farelos para o cavalo, percebemos que este miserável, além de «mudável muito mais que a mesma lua», era de «vida vária composta de entremezes», convindo não esquecer que, passando dos banquetes ao teatro, o entremez veio a ser uma breve «representación de risa y graciosa que se entremete entre un acto y otro de la comedia para alegrar y espaciar el auditorio»²². No juízo do poeta portuense, a vida do Mestre-Escola de Barcelos que, poeta *à ses heures*, depois passou a abade de Anha²³, era, pura e simplesmente, uma comédia, e nem sempre divertida.

Ao segundo que destacamos, Pêro Lopes Camelo, sargento-mor do Porto²⁴, dedica várias sátiras – talvez seja o alvo mais perene do riso do poeta –, que incidindo sobre diferentes momentos da sua biografia que não podemos rigorosamente datar, parecem visar sobretudo os seus comportamentos de velho. Desde esta perspectiva, recordemos um longo *Solilóquio* [...] *aos dous óculos que punha Pêro Lopes Camelo* quando andava pelos seus 70 anos:

²² OROZCO, Sebastián de Covarrubias (1995) – *Tesoro de la lengua castellana*. Ed. de Felipe C. R. Maldonado, revisada por Manuel Camarero. Madrid: Editorial Castalia, p. 481; ASENSIO, Eugenio (1971) – *Itinerario del entremés: desde Lope de Rueda a Quiñones de Benavente*. Madrid: Gredos; na sua introdução Jacobo Sáenz Hermida após à sua edição dos *Entremeses de Miguel de Cervantes* (Madrid: Espasa, 1998) uma excelente síntese das questões em torno deste género teatral.

²³ O abade de Rio Tinto comentou o assunto em várias composições: dois sonetos *Ao mesmo Mestre-escola passando para abade de Anha* [fl. 37v-38v]; dois romances, *A outro que fez o Mestre-escola de Barcelos sendo já abade de Anha, em que descrevia a corrente do rio Lima chamando-lhe caminho de prata pura*, etc. [fl. 40r-41r]; outro *ao mesmo* [fl. 41r-42r].

²⁴ SILVA, Francisco Ribeiro da (1988) – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 2 vols. com paginação seguida, p. 89, 317, 502, 990 *et passim*, magna obra a que sempre recorreremos para referenciar esta e outras personagens do Porto de Tavares Carneiro.

*Quando o ver me desempara
se estes no nariz encaixo,
torno a achar a vista clara.
Quem para as partes de baixo
outro tal remédio achara!
Mas não tem apelação
visto a fraca humanidade,
que as sentenças que se dão
contra os setenta de idade
morrem nesta relação. [f. 12v]*

O poeta, em umas *Quintilhas*, volta à chacota sobre outras incapacidades do velho sargento-mor:

*De dous paus que Pedro tem
corre queixa comum,
pois do modo que contem
dão queixa os soldados de um
e doutro as damas também.
[.....]
Mas para juiz do caso
tirou-lhe o tempo o poder,
que setenta ao cabo ter
não lhe dão para isso o azo
que Pedro havia mister. [fl. 13r-13v]*

Com as alusões destes poemas há que relacionar as de um outro em que evoca a «vida desordenada» do visado – nascimento, desterro para o Brasil, separação da mulher – «saudoso da vida solta / a de casado deixou» [fl. 15r]²⁵ –, amores até à hora da morte com prostitutas com quem tudo gastava – «A carne comeu-a Amor / E deu os ossos à morte» [25v] – e, por isso, sempre tão falto de dinheiro a ponto de solicitar adiantado aos vereadores da Câmara do Porto o pagamento do que lhe era devido pelo seu cargo e lho negavam, «porque o vê mui arriscado / em guerras civis de Amor» [fl. 13v]. As suas necessidades de dinheiro levavam-no ainda a exigi-lo indevidamente: «é Pedro tão brasseiro / que bola do Porto a Braga / e sempre leva dinheiro» [fl. 13v]. Ainda que o texto não o explicita, é bem possível não só que a décima *A Pêro Lopes dando ãa certidão falsa* se explicasse pela sua *auri sacra fames*:

²⁵ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 231.

*Deu Pedro ãa certidão
Jurada de mil maneiras,
De quinze léguas que são
Do Porto às Abitureiras,
Cova do ladrão Gaião.
Por seu ofício chãmente
O jurou e deu indício
De mentir publicamente,
Pois jurou por seu ofício
E ele por ofício mente. [fl. 14r-14v],*

mas também que a sua avidez e o fizesse onzeneiro:

*E como o dinheiro sede faça
sede por mais dinheiro,
feito co' elle onzeneiro
foi calcado na devassa
que se tira em Janeiro, [fl. 16v]*

Por tudo isto – cupidez, corrupção, falsário, onzeneiro – não nos admiramos que, aludindo a essa devassa ou a outras a que foi sujeita a sua conduta de militar, um amigo lhe lembre:

*A Justiça te ameaça,
todo o mundo te condena,
a teus amigos dá pena
andar público na praça
que dás dinheiro à onzena. [fl. 17r]*

e lhe pergunte:

*Pedro, até agora avisado,
para que juntas mais bens?
Es, porventura, casado?
Que filhos ou filhas tens
que te dêem esse cuidado? [fl. 17r]*

As causas já as sabemos, mas a pergunta do amigo permite sublinhar, omitindo alusões a jogos verbais do domínio sexual, a solidão de um velho sem família que se iludia com «damas»:

*Mas para juiz do caso
tirou-lhe o tempo o poder,*

*que setenta ao cabo ter
 não lhe dão para isso o azo
 que Pedro havia mister. [13v]*

Curiosamente, a esta solidão correspondia a solidão do «povo» do Porto que se via desenganado das esperanças que, apesar do seu poder sangrento (*sarjado*) – qualquer que seja o sentido das violências aludidas –, havia posto no sargento-mor:

*Quando vivia enganado
 co sargento-mor o povo
 foi o ofício tão medrado
 que de criar sangue novo
 cada passo era sarjado. [14r]*

A Pêro Lopes Camelo que, como ironicamente imagina o poeta no *Testamento de Pêro Lopes Camelo* [fl. 21v-25r], morre comido de credores – os únicos que chorarão a sua morte – vendo a posse da sua quinta de Mouriz discutida judicialmente, nada é perdoado. O abade de Rio Tinto, em um *Codecilho* ao citado *Testamento*, vai mesmo ao ponto de pôr em evidência o contraste entre a vida que levava Lopes Camelo e a suas práticas devotas:

*O sargento mor que ãa hora
 fora dos da vida airada,
 hoje é escravo da virgem
 e da esclavitude tem carta
 que lhe deram os carmelitas
 por salvação de sua alma
 que foi armazém de amor
 e cursou suas almadras. [fl. 42v-43r]*

Para além dos costumes e vícios, Tavares Carneiro faz ainda chacota tanto dos seus dentes postiços feitos, no seu caso, de marfim, como então homens e mulheres usavam²⁶,

*Quem viu coisa mais galante
 ou artifício mais belo
 que traz dentes um Camelo
 que já foram de elefante? [28v-29r]*

como até do simples modo como ele «levantava a barba e dela fazia os bigodes»:

²⁶ HERNÁNDEZ, Margarita Torremocha (2010) – *La mujer imaginada. Visión literaria de la mujer castellana del Barroco*. Badajoz: @becedario, p. 299-300.

*Só Pedro Lopes Camelo
com seu artificio pode
fazer da barba bigode. [fl. 29r]*

Por muito tentador que seja, dado que, nas poesias de Tavares Carneiro colecionadas por Alão de Morais, «artificio» só aparece aplicado a Pêro Lopes Camelo, não parece, contudo, legítimo daí inferir que, segundo o poeta, no Sargento-Mor do Porto tudo – figura, vida, artimanhas para ganhar dinheiro – era, física e moralmente, artificio. O que, porém, não nos impede de pensar que, talvez, o satírico abade estaria de acordo...

São exemplos todos estes tanto da sátira violenta, autêntica invectiva *ad hominem*, em que os defeitos pessoais e as prevaricações nos ofícios são requintadamente expostos, como da sátira que se limita a rir de pequenos defeitos e modas pessoais – bigodes e bigodeiras eram igualmente postos na picota no teatro de Lope²⁷ – sem mais transcendência que o serem considerados ridículos, mas que avultam ou se fazem avultar caricaturalmente por dizerem respeito a sujeitos que, por razões de ordem moral, se destacam negativamente na sociedade de uma época, neste caso do Porto dos começos do século XVII.

Tavares Carneiro, contudo, era bem capaz de ferir, com um só golpe de esgrima poética, uma alta personagem como era Henrique de Sousa, 1.º conde de Miranda (†1628). A este, *que sendo governador do Porto fez um bergantim, perguntando ao autor o que lhe parecia*, respondeu, com o seguinte mote:

*Está belo e galante,
Mas parece-me a mim
Que é pequeno o bragantim
Para tão grande bargante. [fl. 36r]*

Atendendo à veia satírica do autor, cremos não fazer também aqui violência ao seu texto propondo que a sua opção por *bragantim*, lexema registado a par de *bergantim* – mesmo que o *bergantim* da epígrafe do poema possa ser, como outros, um paratexto do colecionador – é o seu modo de conotar *bragantim* – navio veleiro usado no corso – com *braga* – argola de ferro usada nos presos, nomeadamente nos escravos –, facilitando assim a intensificação, num segundo nível, da conotação de *bragantim-bergantim* com *bargante* – salteador, vagabundo, rapinante, desavergohado... Deste modo, o leitor, posto perante dois níveis duma realidade verbalizada numa cadeia lexical habilmente concatenada, é levado a representar-se o bergantim como o emblema – e empregamos o termo no preciso significado com que o dotou Alciato – do discutido governador da Relação do Porto: se a sua *pictura* o mostra *belo e galante e pequeno*, os versos finais do poemazito, funcionando como *subscriptio*, explicitam-lhe que tal aparência contradiz, porque desadaptada, a do *grande*

²⁷ GARAY, Ricardo del Arco y (1941) – *La sociedad española en las obras dramáticas de Lope de Vega*. Madrid: s. n., p. 557.

bargante que o fez construir. No fundo, talvez até ao arrepio da opinião maioritária das gentes do Porto, o que o incansável Tavares Carneiro na sua cortante resposta ao governador do Porto parece insinuar – ele que tem o desplante de afirmar que «nunca o praguejar foi de minh'arte...» – é que, pese à sua beleza e elegância, um tal *bergantim-bragantim* mais não era, com todas as ilações e consequências, que a metáfora da pequenez, qualquer que seja o sentido, do próprio governador e do seu governo²⁸.

As críticas parecem ainda agrandar-se como uma sombra sobre o filho do 1.º conde de Miranda, Diogo Lopes de Sousa, seu sucessor no título e no governo da Relação do Porto. Com efeito, em umas redondilhas escritas a propósito de *quando Pero Vaz Cirne foi tomar o hábito de S. João por se isentar da justiça de Diogo Lopes Diabo, governador do Porto*, Tavares Carneiro pondera:

*Grande cruz traz Pêro Vaz,
não tem princípio nem cabo,
a todos cuidar nos faz
que quem tão grande cruz traz
que inda há medo do Diabo.* [fl. 21r-21v]

Não nos interessa apurar quais as causas que determinaram a decisão do fidalgo Pêro Vaz Cirne de Sousa, personagem bem conhecida da governança do Porto, de entrar, depois de viúvo²⁹, para a Ordem dos Cavaleiros de S. João de Jerusalém, vulgarmente conhecida por Ordem de Malta, situação em que encontrava em 1629, data em que é já nomeado por Fr. Pêro Vaz Cirne³⁰. O que aqui importa anotar, mais que a explicação que do facto dá a epígrafe do poema, é que, apesar de legalmente isento da sua alçada, Pêro Vaz Cirne continuava a temer a acção do Governador da Relação. Com efeito, este, extrapolando os seus poderes de Presidente do Tribunal, não perdia ocasião para afirmar a sua preponderância – ou prepotência? – sobre os outros órgãos de governo do Porto, comportando-se como o indiscutível «governador da cidade e da região». Compreende-se que tal comportamento não passasse sem conflitos³¹ e lhe tivesse valido o apodo de *Diabo* – pequena notícia de que o poema parece ser a única fonte³² – contra o qual não tinha poder sequer a cruz, entenda-se, a cruz de Malta do hábito de Pêro Vaz Cirne, o que é um modo de superlativar o dia-

²⁸ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 979; Antónimo de Oliveira, *Movimentos contra os cristãos-novos. – I – O motim de 1605*. In *Pedaços de história local*. Coimbra: Palimage, 2010, p. 450-451 – generosa e bem vinda antologia, no pleno sentido do termo, de seu imenso saber – estuda a acção de Henrique de Sousa na repressão do citado motim que, se não foi estudantil, contou com larga participação dos estudantes.

²⁹ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 275.

³⁰ SILVA, Francisco Ribeiro da – *Op. Cit.*, ed. cit., p. 184.

³¹ SILVA, Francisco Ribeiro da – *Op. Cit.*, ed. cit., p. 976-977.

³² Como em outros casos, não sabemos se a epígrafe do poema se deve ao próprio autor ou representa uma explicitação paratextual tida por necessária pelo coleccionador.

bólico de Diogo Lopes de Sousa. Um caso pessoal ou uma alusão aos atropelos do 2.º conde de Miranda à jurisdição canónica das ordens militares?

Outro alvo das suas severas burlas, também com nomes e lugares muitas vezes, mas sem as funestas consequências sociais dos exemplos que acabamos de ver, é a pretensão nobiliárquica de muitos do Porto e de Barcelos, pretensão que, em alguns casos, se via contrariada por práticas concretas que com ela não condiziam e eram até proibidas pelas leis civis e canónicas.

Se Pantaleão Seabra, um nobre vereador do Porto, cultivador das Letras³³, para se afdalgar, «enxertou» no seu nome «o ilustre ramo de Sousa» que, ao parecer, não lhe vinha por família, e se passou a chamar Pantaleão de Seabra de Sousa,

*O ilustre ramo dos Sousas
no meu Seabra enxertei;
pegou e Sousa fiquei,
que assi se pegam as cousas. [fl. 25r],*

e se Luís Álvares Sobáguas (+1621), cunhado do nosso poeta³⁴, *para se fazer fidalgo quis provar que sua mãe ia prenhe de um fidalgo quando se casou*, pelo que o poeta, jogando com o apelido familiar do satirizado (Sobáguas ou Soáguas), lembra que

*Só com vinho, e só com fruta
Não é muito embebedar-se,
Mas com so-ágoa é chamar-se
Filho de cornudo e de puta. [fl. 7v-8r],*

já outra vítima de estimação de Tavares Carneiro, o Dom Prior de Barcelos, que, como esclarece o coleccionador das poesias, era então Jerónimo de Mesquita de Mendonça³⁵, que «prezando-se de fidalgo, vendia vinho em casa» –

*De fidalguia e sumagre
Pôs venda nosso prior:
O sumagre é bom licor,
A fidalguia é vinagre. [fl. 7v]*

³³ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 268, 1089, 1091 et passim.

³⁴ CRUZ, António – *Tomé Tavares Carneiro, poeta portuense de Seiscentos*, ed. cit., p. 12; SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 431.

³⁵ José Adílio Barbosa Macedo, *A Colegiada de Santa Maria de Barcelos. Sua formação – suas dignidades. Actas do Congresso Barcelos terra condal*, ed. cit., p. 122, refere duas cartas deste prior datadas de 1624 e 1627, sem que, de momento, possamos estabelecer outras balizas cronológicas do priorado de J. Mesquita de Mendonça.

– contradizia, como já lembramos, não só o estatuto da nobreza que não aceitava envolver-se em negócios miúdos – em grandes empresas era outra questão³⁶ –, fazendo assim ofício de vendeiro, mas também as leis canónicas, já que estas proibiam aos clérigos vender ou fazer vender, entre outros géneros, vinho. A tal respeito são taxativas, sem grandes efeitos é certo, as constituições sinodais dos bispos do Porto, Fr. Baltasar Limpo (1541) e Fr. Marcos de Lisboa (1585)³⁷.

Ainda dentro deste grupo de poesias de crítica à gente nobre cujas pretensões nobiliárquicas se viam, muitas ou algumas vezes, desmentidas pelo crime, fixemos o breve mote *Estando no Porto três ladrões gabando-se de grandes fidalgos*:

*Todos estes três fidalgos
Postos em feixe e em nó
Não fazem um fidalgo só. [36v-37r]*

Tal sátira, acentuando, senão mesmo assimilando, neste caso concreto, como já tinha sugerido em outros que ficaram apontados, nobreza e crime, põe em causa os fundamentos da mesma nobreza tal como ela própria se concebia pelo exercício das armas e virtudes no imaginário do Antigo Regime, reduzindo-a, conseqüentemente, ao segundo termo da equação – o crime, neste caso, uma vez mais, o roubo. A nobreza, em razão de tais comportamentos, não passaria de uma pretensão – e seria uma redundância justificá-lo aqui pela tratadística moral e política sobre o tema e pela sua elaboração no teatro do século XVII – e, por isso, as pretensões desses três fidalgos não eram bastantes para dar consistência à de um único verdadeiro nobre. É um ponto de vista que havemos de encontrar na *Jornada pelo Douro*, ainda que apontada com concessões a alguns tópicos da tópica sátira às pretensões dos escudeiros.

As alusões que ficaram feitas ao clero permitem apontar a outro aspecto, e este importante nos tempos das reformas do clero posteriores ao Concílio de Trento – a obrigação de residência dos bispos e curas de almas nas suas dioceses e paróquias³⁸, como modo e meio do cumprimento dos deveres pastorais (celebrar a Eucaristia..., ensinar..., socorrer..., etc.). Não lembremos apenas, como sempre, os empenhos e doutrina de Fr. Bartolomeu dos Mártires³⁹ – um dos paladinos do dever de residência –, mas recordemos que tal exigência, atra-

³⁶ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 287, 288, 308.

³⁷ BASTO, Artur de Magalhães (1962) – *Moralidade e costumes portuenses no século XVI*. In *Estudos portuenses*. Porto: Biblioteca Pública Municipal, I, p. 77.

³⁸ ORTIZ, Antonio Domínguez (1970) – *La sociedad española en el siglo XVII – II – El estamento eclesiástico*. Madrid: CSIC, p. 29-30; ÁLVAREZ, Fernando Bouza – «Triste obispo en el peligro de la corte». *El Norte episcopal de Bartolomé de Villalba y Estañá y la literatura de corte hacia 1600*. In FERNÁNDEZ, Máximo García e SECO, M.ª de los Angeles Sabater, coord., (2004) – *Estudios en homenaje al Profesor Teófanos Egido*. Valladolid: Junta de Castilla y León, I, p. 183-200.

³⁹ Baste recordar o dever de residência que, no «Proémio» do seu *Catecismo ou Doutrina Cristã e práticas espirituais* (Braga: Ed. do Movimento Bartolomeano, 1962, p. 3-6), vai implícito na obrigatoriedade que «os pastores» (abades, reitores e capelães) têm pregar aos domingos e festas principais.

vessando o século⁴⁰, concorria, paralela e intensamente, com a que, para os párocos, já manifestava Lutero em *An den christlichen Adel deutscher Nation* (1520), esse amplo manifesto em que as sérias, ainda que pela maior parte tradicionais, propostas de reforma se aliam a um tom violento e a algumas acusações injustas⁴¹. ... Da falta de residência é acusado o abade de Gestaçô *que por não residir na sua igreja se fez legado da Sé Apostólica*:

*Legou-me a velhacaria,
Meu Gestaçô, como a vós
Há-de legar algum dia,
Que por vós nunca eu diria
Que sois legado de Dios. [fl. 8v]*

Não conhecemos as razões por que o «velhaco» abade de Gestaçô se fez legado apostólico – o que, provavelmente, conlevaria um benefício eclesiástico –, mas, por verdade histórica, convém lembrar que, no quadro extremamente variado e complexo do baixo clero no século XVII, a falta de residência dos párocos, sobretudo de pequenas aldeias, com as previsíveis e sempre nomeadas consequências pastorais, poderia ser, em muitos casos, explicável quer pela magreza dos rendimentos das paróquias quer pelos encargos financeiros que pendiam sobre elas. Eram circunstâncias estas que, muitas vezes, os levavam a encontrar subterfúgios mais ou menos legais para nelas não residir, buscando, por exemplo, um benefício que, por si ou em combinação com outros rendimentos, lhes permitisse uma vida mais folgada, livrando-os de recorrer a práticas – vendas e contratos usurários, por exemplo ainda – que davam «escândalo» aos seus fregueses⁴². Claro que, naturalmente, isto pode sugerir-nos que a pobreza, como simples conselho cristão nestes casos, não era o seu ideal e, como veremos, Tavares Carneiro não deixou de fazer, com maior amplitude,

⁴⁰ Lembre-se, por exemplo, o que, em 1513, postas todas as suas esperanças na ação reformadora do cardeal G. de Medicis que acabava de ser eleito papa, escreviam Paolo Giustiniani e Pietro Quirini no seu *Libellus ad Leonem X Pontificem Maximum*: «... E non sono posti [os sacerdotes-curas de almas] in grado o di soddisfare pienamente l'impegno relativo alla fede di loro popoli per ignoranza, o tale impegno trascurano perchè distratti da altre occupazioni o, cio che è peggiore, per una singulare perversione corrompano coloro che avrebbero dovuto correggere o stimulare a intendimenti migliori...» (*Lettera al papa. Paolo Giustiniani e Pietro Quirini a Leone X*. A cura di Geminiano Bianchini. Presentazione di Franco Cardini. Modena: Artioli Editore, 1995, p. 126-127); sobre este importante texto e as rápidas desilusões dos seus autores, PETTINELLI, Rosanna Alhaique (2009) – *Letterati e riforma catolica nella Roma del quinto concilio lateranense*. «Archivio italiano per la storia della pietà», 21, p. 167-181.

⁴¹ LUTERO, M. (1989) – *À la noblesse chrétienne de la nation allemande sur l'amendement de l'état chrétien*. In *Oeuvres*. Ed. publiée sous la direction de Marc Lienhard et Mathieu Arnold. Paris: Gallimard, I, p. 637: «les curés doivent assurer le gouvernement des paroisses, prêcher, administrer les sacrements, vivre au milieu de leurs paroisses, et matériellement y tenir ménage». Cf. LÉONARD, Émile G. (1967) – *Historia general del Protestantismo – I – La Reforma*. Madrid: Ediciones Península, p. 73.

⁴² Paolo Giustiniani e Pietro Quirini, *Libellus ad Leonem X Pontificem Maximum*: «Ora infatti vediamo che molti sacerdoti, per la miseria da cui sono oppressi, perl a povertà della vita, per urgenti necessità si abbassano ad affari alquanto sconvenienti alla loro dignità sacerdotale, a taluni illeciti artifici, a qualsiasi norma assai indecente di vita...» (ed. cit., p. 126); ORTIZ, Antonio Domínguez – *La sociedad española en el siglo XVII. II. El estamento eclesiástico*, ed. cit., p. 49-60.

algumas alusões a este tema. Mas, como estaremos de acordo, esta última perspectiva coloca-se noutra ordem de coisas e ideais. Na *Jornada pelo Douro acima* havemos de encontrar mais alguma crítica sua à maneira como muitos – ou alguns? – destes clérigos de paróquias rurais cumpriam as suas obrigações pastorais, a começar pela celebração da missa.

Como muitos outros poetas satíricos e moralistas em prosa dos fins do século XVI e de todo o século XVII – da *Fastigimia* (1605) de Pinheiro da Veiga a D. Francisco Manuel de Melo, passando pelo médico dos exércitos reais e temível poeta do Porto, João Sucarelo de Claramonte – as freiras (os seus amores, a sua afeição a conservas, doces, galas, dinheiro, etc.) mereceram uma atenção constante de Tomé Tavares Carneiro. E o resultado expressa-se em uma série de poesias que, visando, como o fazem poetas seus contemporâneos e o farão muitos outros posteriores, casos concretos de escaldantes atropelos à vida religiosa, podiam servir de introdução a mais uma reflexão sobre o estado decadente da vida conventual ao longo do século XVII⁴³. Convém, no entanto, lembrar que a visão degradante que muitas vezes se transmite desse grupo social religioso é quase sempre feita sobre casos concretos que, por muitíssimos, variados e autênticos que fossem – e eram-no –, traduziam apenas uma parte da realidade global da vida conventual nesse século. Sem qualquer intenção revisionista, convém, porém, lembrar tudo quanto as intensificadas e controladas reformas da vida conventual, em marcha especialmente desde os fins de Quinhentos também sob a égide da aplicação de Trento⁴⁴, procuram impor e difundir, muitas vezes violentamente, modelos de comportamento regulares, quer dizer, de acordo com as regras professadas e, algumas vezes, até com a versão observante das mesmas regras entendida como mais próxima do ideal fundador. Cremos que é tão metodologicamente incorrecto generalizar sobre casos concretos, mesmo se abundantes, como o é estabelecer uma visão global da vida conventual a partir unicamente das suas exaltantes crónicas. De qualquer modo, da sátira de Tavares Carneiro à vida de algumas freiras escolhemos dois exemplos, passando ao largo das quintilhas *Mandando-lhe ãs freiras entre outros doces um pipino de conserva*, bom exemplo, como logo se poderá adivinhar, de «pornografia para rir»⁴⁵, em que lastima as «guerras que nunca venci / com ter debaixo o inimigo» [5r-5v].

⁴³ Como referência ao assunto, bastem as páginas de PONTES, Maria de Lourdes Belchior (1953) – *Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológico, p. 46-51.

⁴⁴ Da quase incontrolável e dispersa bibliografia sobre o assunto, apontamos quatro referências que, convergindo, desde pontos de vista e abordagens diferentes, ilustram o sentido da aplicação da reforma tridentina que referimos: Autori vari (1979) – *Problemi di storia della Chiesa nei secoli XV-XVII*. Napoli: Edizioni Dehoniane; TERRICABRAS, Ignasi Fernández (2000) – *Felipe II y el clero secular. La aplicación del concilio de Trento*. Madrid: Sociedad estatal para la conmemoración de los centenarios de Felipe II y Carlos V; FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (2000) – *Da reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade*. In AZEVEDO, Carlos (direc.) – *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de leitores, II, p. 15-36; SCARAFFIA, L. e ZARRI G., a cura di (2009) – *Donne e fede. Santità e vita religiosa in Italia*. Bari: Editori Laterza.

⁴⁵ A certa expressão é de MARTINS, Mário – *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos*, ed. cit., p. 73.

No primeiro, a que já aludimos, a sátira, com algo de sermão moral como exigiam os modelos latinos, visa *ũa freira que deu sessenta mil reis a Pedro da Cunha para lhos dar ao ganho, os quais se deram ao Mestre-Escola de Barcelos, Francisco Roiz de Carvalho, homem que não paga*. Mais digno de comentário que haver uma freira franciscana que, desdizendo da imitação do modelo de pobres S. Francisco de Assis, *dá dinheiro a ganhar*, é o que publicamente se diz desse facto contrário à regra franciscana:

*O peor está nos ditos
em que algũa gente deu,
porque pessoa sei eu
que pasma ter cabritos
quem não tem cabras de seu. [fl. 5v-6r]*

Por isso, o poeta aludindo ao modo como as religiosas de clausura recebiam ou deviam receber e ainda recebem os visitantes, aconselha:

*Fazei, senhora, no céu
o tesouro verdadeiro
que a traça nunca comeu.
Não vos conheça o dinheiro,
Ponde-lhe diante o véu.*

E o sermão termina com uma alusão que, com alguma violência, poderia sugerir que o dinheiro era de origem duvidosa, talvez dado por quem com ela mantinha amores, já que nele há uma alusão à possibilidade de a freira vir a revelar um mal venéreo (*boubas curvais*):

*Não digam que se guardais
ser tão casta como pobre,
indo de boubas curvais
em vós mostrará sinais
o tempo que nada encobre.*

O segundo exemplo, este claramente atinente aos amores freiráticos – freiráticos aplicava-se tanto aos amores de freiras como aos seus galantes –, visa *ũa freira de Monchique que falava com dous amantes no mesmo dia*:

*Amor falso, lisonjeiro,
Digo das freiras, não mais:
Jantam com Jorge Carneiro,
Ceiam com Paulo Novais. [fl. 35v]*

Notemos, como esclarece um paratexto do colecionador, que os freiráticos eram, neste caso, Jorge Carneiro de Anaya, vereador da Câmara do Porto⁴⁶, primo direito de Tavares Carneiro, e um dos amigos que com ele fez a jornada do Douro, e Paulo de Novais, o abade de Silva Escura, na Maia, sendo bem possível que este seja outro dos que então o acompanharam. O que, porém, aqui nos interessa é sublinhar, como já aludimos, que o abade de Rio Tinto não deixa de rir de tudo o que seja risível e de todos, sejam inimigos, amigos ou parentes.

Terminemos com alguns exemplos de sátira que nos remetem para pequenas questões de modas sejam elas quer de adereços femininos, quer literárias ou de simples próteses.

Das primeiras, que aliás não abundam na poesia de Tavares Carneiro, temos o caso do mote *À mulher do juiz de Barcelos que sendo mui pequena trazia ãa touca muito alta*:

*Em tão pequena barquinha
meteste tão grande vela
que temo que se vire azinha
que do juiz a varinha
não baste para sustê-la.*

Das segundas, literárias, matéria que, como é compreensível, tocava de perto o próprio poeta, são várias as que criticam não só a inabilidade dos que, como o Mestre-escola de Barcelos que em um romance *descrevia a corrente do rio Lima como caminho de prata pura, etc.* [fl. 40r], mas também, com crítica certa, a mediocridade dos que se punham a fazer versos segundo as modas poéticas do seu tempo. Se o amor a *mi poeta* não me ofusca, creio mesmo que alguns desses seus poemas poderiam entrar, com alguma honra, numa antologia que, aliás, urge fazer, da «opinião literária» dos começos de Seiscentos.

Por exemplo, a Jerónimo de Mendonça – identificável muito provavelmente com o Dom Prior de Barcelos que já encontramos –, que fez e glosou um mote a S. Pantaleão, por altura, certamente, das festas com que, anualmente, o Porto celebrava a trasladação das relíquias do seu padroeiro – dia festivo em que, tal como, algumas vezes, se representavam comédias que tinham por tema a vida do santo⁴⁷, haveria também certámenes poéticos – Tavares Carneiro, transcrevendo o mote – a glosa foi omitida pelo colecionador *por ser enfadonha* –

*Perdeis a vida, e não sei,
santo glorioso, a quem
a morte desse tanto bem,*

⁴⁶ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 436.

⁴⁷ SILVA, Francisco Ribeiro da – *Op. cit.*, p. 909, 1631.

dedica estas quintilhas:
*Senhor Mendonça, entre nós,
não chegue isso à Rua Chã,
muito me espanto de vós
que na doutrina cristã
sejais tão curto de nós.
Louvar um santo é louvar
algũa dama, por ventura,
que quando lhe quereis dar
a palma da fermosura
esse sal o há-de pagar?*
[.....]
*Não sei no mote dizeis,
de não sei usais na glosa,
já que em verso não sabeis,
Deus vos dê ventura em prosa
que a pobre musa ampareis.* [fl. 11r-12v]

E ao mesmo Dom Prior, certamente na ocasião já referida, envia um soneto *sobre o haver feito ãa glosa ao mote que se fez na tresladação de S. Pantaleão no Porto no ano de 1610:*

*Ninguém a ser poeta só se aprova
por ler em italiano obras algũas,
que presto ficará sujeito às luas
como de alguns exemplos se prova.*

*Custa ao Mendoça um soneto de trova
andar doudo formado pelas ruas
falando, com perdão das brancas suas
que cada manhã têm ãa tinta nova.*

*Quem não andar vestido de gramática,
fatexado de sutil filosofia,
enformado muito bem de matemática,*

*Do natural sem arte muito se ria;
se poeta não for por arte mágica
é muito que lhe escape ãa heresia?* [fl. 27r-27v]

Mais que a insinuação da pedanteria das leituras de poetas italianos – e italianizantes? – que, na realidade ou na suposição do satírico, faria ou de que se prezaria, como muitos outros, Jerónimo de Mendonça – como quer que fosse, reais ou supostas, bem gostaríamos

de as conhecer –, e das consequências de nelas aturar para os imitar evidenciadas no seu caso – a generalização é apenas uma hipérbole satírica – tanto no seu comportamento de artista «furioso» com atisbos de «melancolia» criadora «a lo Ficino» – lunático..., «andar doudo formado pelas ruas / falando», pintar o cabelo – como na sua linguagem poética. Esta traduzia-se igualmente em uma «arte», de tal modo enroupada em «gramática» ..., apertada («fatexead») em «sutil filosofia»..., modelada pela «matemática» (harmonia / desarmonia, artifícios na conexão dos elementos?) ..., que apenas outros «cultivados» em tais princípios compreendiam... Ironias que, se lidas ao revés, permitem deduzir que eram ignorantes os que, admirando «o natural sem arte» (artifícios), metiam tal poesia a ridículo... Se a nossa interpretação puder aceitar-se, Tavares Carneiro, fazendo-lhes também a sua vénia, põe-se na fila dos que, por esses dias, distinguindo a autêntica originalidade da simples – e divulgada – mediocridade imitativa, eram contrários aos «extravagantes» poetas «cultos» de descendência petrarquista que, com o seu cultismo gramatical e os seus «estrafalários» conceptismos, desdenhavam, precisamente, «do natural sem arte». E, aproveitando a deixa de criticar um poema celebrativo de carácter hagiográfico cujo autor era sacerdote, Tavares Carneiro permitia-se não só insinuar qualquer *heresia* doutrinal detetável no poema ou, se com maior razão preferirmos, a sua possibilidade favorecida por tal tipo de linguagem poética, mas também expor, conotada com o seu extravagante comportamento, a *heresia* do poeta enquanto utilizador dessa mesma linguagem⁴⁸. De uma e de outra *heresia*, sendo nele, como pretende o seu crítico, inseparáveis vida e obra, só *por arte mágica* poderia livrar-se⁴⁹. E, como se sabe, não era o poeta portuense o primeiro a apontar a *heresia* de tal «arte» poética⁵⁰. Haveremos de encontrar ainda outro aspecto da sua crítica às modas poéticas do seu tempo.

E a um *cunhado do juiz de Barcelos que lhe glosou um que ele tinha feito ao músico do Mestre-Escola de Barcelos*⁵¹, o já conhecido Francisco Roiz de Carvalho, dedica o seguinte soneto:

*Queixa-se que o correste às pernadas
o meu soneto que ao Cordeiro fiz,
e o que sente mais, que o perseguis
com versos de catorze polegadas..*

⁴⁸ No mesmo sentido pode ler-se outro soneto, sem título específico, mas dedicado a criticar o mesmo Dom Prior como *aquele que vomita heresias / e que traz a Marrocos encerrado / co'a parte mor de Itália no seu peito / este o juiz será das poesias / para que, como é arrenegado / té nas cousas de Deus dane o conceito...* [fl. 27v].

⁴⁹ Cremos que qualquer alusão à possível relação, no poema, entre *arte mágica* e *matemática* apenas serviria para apontar uma satírica hipérbole de estilo joco-sério.

⁵⁰ GARCIA, Miguel Herrero (1930) – *Estimaciones literárias del siglo XVII*. Madrid: Editorial Voluntad, p. 251-278; COL-LARD, André (1967) – *Nueva poesía. Conceptismo, culteranismo en la crítica española*. Madrid: Editorial Castalia, p. 73-82.

⁵¹ O soneto do abade de Rio Tinto glosado é o que aparece intitulado *A um músico do Mestre-escola de Barcelos que lhe fugiu por lhe faltar com a porção* [fl. 26v-27r], em que se parodia o soneto de L. de Camões *Sete anos de pastor Jacob servia...*

*Hão-de ser onze sílabas contadas,
Padre meu, vede bem como as medís,
que, inda que sois cunhado do juiz,
heis de ter as medidas afiladas.*

*A licença poética não dá
tanta largueza como vós tomais,
mudar-lhe o estilo⁵² é cousa perigosa.*

*Não sei como da feira vos irá,
se ao Parnaso dizem, porem, que andais,
Soltando o verso mal, prendendo a prosa. [fl.18r-18v]*

Criticando a falta de técnica de este outro inábil poeta – Francisco Feio, de sua graça, segundo nota lateral que deverá ser do colecionador –, este soneto, como recorda Alão de Moraes em nota aposta no começo da sua coleção das *Obras burlescas* de Tavares Carneiro, foi, curiosamente, a propósito da «conformidade» da Poesia e da História quanto ao «estudo» e «inquirição» que exigem e da sua «diferença» quanto «al linage del estilo», trazido à colação por Manuel Faria e Sousa no seu comentário aos *Lusíadas* (X, 71, v. 8): «Nuestro ingenioso Satirico, el Abad Tavares, cõ su natural facilidad i agudeza, feneciõ un Soneto contra cierto poeta corto de prosa, i largo de versos, desta manera, poco más o menos, porque no me acuerdo bien, *Soltando os versos, prendendo a prosa*». Mesmo que não saibamos quando terá lido Faria e Sousa o poema – das suas palavras poderia inferir-se que o fez em tempos já longínquos –, trata-se de um testemunho interessante que parece sugerir, por um lado, que a audiência de Tavares Carneiro era um pouco mais vasta do que poderíamos supor a medi-la apenas pelas glosas alheias a poemas seus a que alude e pelos cuidados de Alão de Moraes – o dizê-lo o Abade de Sever⁵³, apoiando-se em J. Soares de Brito, estudante num Porto que ainda o conheceu, um «dos poetas célebres do seu tempo», pode ter aqui também o seu peso – e, por outro, a consideração em que, pelo seu «ingenio», «natural facilidad i agudeza», era tida a obra do abade de Rio Tinto. E para nós, o dele recordar-se Faria e Sousa no contexto do comentário do «seu» Camões é algo que, com ares de notabilidade, o confirma.

Em outras ocasiões, como em umas redondilhas que fez *A um homem que lhe emendou um soneto seu, e lhe meteu diamantes e muitas pedras preciosas*, as suas críticas têm um alcance mais amplo se lidas no quadro das guerras literárias do seu tempo peninsular:

⁵² Ao lado aponta-se uma variante: *marcos.

⁵³ MACHADO, Diogo Barbosa (1752) – *Biblioheca Lusitana*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, (aliás, Coimbra: Atlântida Editora, 1956), III p. 760, cita o elogio de João Soares de Brito no *Theatrum Lusitaniae litteratum*.

*Homero grego, preitez,
que teve tão gorda veia,
não pôs mão em cousa alheia
sem fausto de quem a fez.*

*Virgílio de Homero mono
que tão fermoso escreveu,
em nada se entremeteu
sem licença de seu dono.*

*Vossa mercê por seu gosto,
qual ele foi não me meto,
deu a um pobre de um soneto
um grão gilvaz pelo rosto.*

*Qui-lo tirar de trabalhos
e, porque pobre vivia,
o entalhou de pedraria
com mais de cem mil bisalhos.*

*E assi colunas, cristais,
Planchas de ouro e alvas gemas,
são tudo pedras modernas
não vistas dos naturais. [fl. 27v-28r]*

Lastimemos não conhecer o original e a sua reelaboração «a lo moderno». De qualquer maneira, como teremos imediatamente notado, Tavares Carneiro, em característico estilo joco-sério, protesta tanto do atrevimento desse, para nós, anónimo poeta, como do seu gosto literário que, curiosamente, era o gosto de muitos poetas do seu tempo e que ao longo do século XVII há-de ir em aumento e caracterizar muito do estilo (literário, artístico) e até da *forma vitae* a que, por cómoda imediatez cronológica, rotulamos, sem mais, de barrocos. Embora não datada, esta reacção de um poeta dos primeiros trinta anos desse tempo à «pedraria»..., «colunas»..., «cristais»..., «planchas de ouro»..., «alvas gemas»... deveria, talvez, se não desenganar-nos, pelo menos levar-nos a não generalizar tempos e modos. «São tudo pedras modernas», isto é, próprias da linguagem poética dos «modernos» e «não vistas dos naturais». Estamos em crer que, jogando, conceptualmente, com o exotismo de tal «pedraria» e dos outros «cem mil bisalhos», volta a defender, afastando, por igualmente exótica, a linguagem poética decorrente do abuso desse léxico de brilhos, o seu ideal «do natural sem arte»...

Das últimas, as próteses, dizem respeito ao uso dos óculos, que parece ter sido um dos tiques elegantes destes anos, embora saibamos que se podem encontrar, desde os fins do

século XV, exemplos deste simbolismo⁵⁴. Já vimos que, a fazer fé em Tavares Carneiro, Pêro Lopes Camelo, com grandes vantagens, os usava, lastimando, contudo, que «outro tal remédio» não se achasse para as suas «partes de baixo». E, agora, em um pequeno poema que nos permite como que revisitar algumas alusões satíricas que ficaram feitas, ouçamos a explicação que dá o poeta *A ãa freira que perguntou ao seu amante por que só quando a via punha óculos*:

*No estado em que estou posto,
senhora, estou de maneira
que, por não ver outro rosto
mais que um só que é de meu gosto,
trago a vista na algibeira.*

O que até aqui ficou rapidamente aludido diz respeito à crítica da geografia social urbana encarada, com especial detenção e sem pudores⁵⁵, nos que nela tinham poder ou algum poder, pelo que se dispensou de satirizar algumas categorias profissionais – médicos..., cirurgiões..., sangradores..., por exemplo – que eram um alvo quase obrigatório da sátira de Seiscentos. E, curiosamente, tampouco judeus e cristãos-novos lhe mereceram mais que uma discreta atenção⁵⁶. O Porto e Barcelos, convém não esquecer, viviam ainda encerrados nas suas muralhas⁵⁷, o que tornava a sua sociedade mais «compacta», circunstância que, tornando a proximidade em mais visibilidade, facilitava e desencadeava o comentário que, com arte ou artifício, podia facilmente transformar-se em sátira.

II

Por seu turno, a *Jornada que fez pelo Douro acima na companhia de uns amigos* vai oferecer-nos o seu olhar sobre o campo e sua paisagem humana, eludindo totalmente a paisagem física, que costumamos dizer natureza, pois o «barroco» século XVII nunca gostou muito da natureza a não ser, quase sempre por nostalgias de raiz e ordem várias, em éclogas e novelas pastoris e exóticas – e ainda assim sempre concedendo algo ao lugar-comum

⁵⁴ DANTAS, Júlio (1914) – «A mania dos óculos». In *Figuras de ontem e d'hoje*. Porto: Livraria Chardron de Lelo & Irmão, p. 191-197. BOAVENTURA, Jorge (1925) – *Óculos e lunetas: alguns dados colhidos para a história da sua introdução e desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos da América*. Lisboa: Livraria Central; LA MATTINA, Rosolino (2006) – *Gli occhiali nella pittura dal XIV al XX secolo*. Catalinetta: Lussografica.

⁵⁵ Glosamos o que, com acerto, anotou Cidália Dinis, *Obras burlescas de Tomé Tavares*, ed. cit., p. 71.

⁵⁶ Recordemos o poema que dedicou *A um judeu que sendo culpado no ofício que servira, se livrou com um gato de dinheiro* [fl. 8r], o outro *A um Fuão Carneiro casado com ãa cristã nova, que logo emprenhou* [fl. 10r-10v] e um terceiro *A um N. Cício de Barcelos que tinha fama de cristão novo e era meirinho* [fl. 37r]. Para o peso económico e situação social dos cristãos novos no Porto, SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 98-99, 346-351, 475, 658, *et passim*.

⁵⁷ Os muros de Barcelos, mandados levantar pelo 1.º duque de Bragança, ainda se viam, embora já arruinados, numa pintura de autor desconhecido, datada de 1808, reproduzida em *Actas do Congresso Barcelos terra condal*, ed. cit., I, p. 82.

literário – ou metamorfoseada em plumas, penas e pedrarias... Para além deste contraste, há outra circunstância que merece ser anotada: a idade do poeta. Se não sabemos, porque, na sua maioria, não estão datadas e as algumas datáveis apenas o podem ser por aproximação, em que momento preciso foram escritas as poesias, sabemos, porém, que em alguma delas o poeta dir-se-ia deixar transparecer a sua velhice. É o caso, se bem interpretamos, da redondilha *A ãa dama que deixou um velho por um moço*:

*Sobeja razão à dama
que aos velhos dá de mão,
pois para religião
de companhia da cama
de nenhum proveito são.
[.....]
E quando por mais não fosse,
dou-me por bem excluído,
pois no curral de Cupido
o boi que de velho tosse
nunca foi bem admitido. [fl. 10v-11r]*

Contudo, no caso da *Jornada*, é possível aventar, interpretando à letra uma referência do texto, que quando, de regresso – ao Porto? –, a enviou, como se de uma carta se tratasse, a alguém [*senhor*, est. 24] que nos escapa, teria Tavares Carneiro 27 anos:

*Da experiência tenho já alcançado,
No discurso dos meus vinte sete anos,
Não me ter a Fortuna nunca dado
Mais que perdas e desenganos. [est. 29]*

Possivelmente, portanto, estamos perante uma obra de juventude, de uma idade que lhe permitia, mesmo queixando-se, dormir ao relento numa praia entre Melres e Entre-os-Rios – «aturando o rigor da noite fria [est. 7], ... oferecendo os embigos / A serenos e orvalhos, quais sentimos / A noite que na praia ao ar dormimos» [est. 16] – e desejar, num momento da viagem, desfrutar de amores locais de circunstância [est. 22].

Segundo as suas indicações, anotemos que, partindo do Porto num sábado, se propõem subir o Douro, a pretexto das vindimas, até às caldas de Aregos⁵⁸ [est. 15] e aqui chegam na terça-feira seguinte. Em fins de Setembro? Provavelmente, como além das referências explícitas não tanto às vindimas – estas poderiam fazer-se mais cedo –, como às

⁵⁸ O destino que indicamos parece-nos o mais correcto e até o único possível, pois as Caldas de Canavezes situam-se na margem direita do Tâmega, rio que nada indica que os viajantes tivessem subido. Aliás, note-se que as únicas Caldas que se situam depois de Mourilhe e da foz do rio Bestança, locais precisamente assinalados no roteiro são as de Aregos, que, aliás, como com igual precisão indica, descobrem pouco depois (*meia légua*) de terem partido do Bestança [est. 23].

noites frias e ao frio vento leste da manhã (*suão frio*, est. 8), sugere o facto de algum amigo, o mesmo que se negará a satisfazer-lhes os apetites de amores, lhes ter servido *muita uva, noz e figo* [est. 21]. Subindo o rio, o poeta vai anotando as povoações, de uma e outra margem, por que vão passando..., caracteriza-as pelos jantares que lhes servem – «... vimos Quebrantões // Logo chegando fomos aos capões / Que estavam n'ũa mesa aparelhada / Com iguarias de várias maneiras...» [est. 2] pelas suas ruínas de ocas presunções ou arrogâncias – «... vimos o assento / De Avintes, por sinal que em terra tinha / Derribados castelos de mil ventos / Que o vento lhos levou que lhos sustinha» [est. 4] ..., pelas suas famas – «...Arnelas conhecida bem por fama: Terra que mais em bêbados florece / Que todas quantas Baco no mundo ama» [est. 5]⁵⁹ – ..., pelos gestos com que são saudados – «Passamos abaixando-lhe a cabeça, / Como pedindo paz ao taverneiro. / De lá responderam c'ũa peça / Que trazia consigo mui ruim cheiro.» [est. 6] –, ... pelos amigos que os hospedam com inesperada parcimónia – «Em Mourilhe uns amigos encontramos / Que nos mandaram vir refresco à praia, / Mas não sucedeu como cuidamos, / Que não passaram muito além da raia» [est. 13] ..., pelas desconfianças que ele e os amigos despertam em «um lavrador a modo de escudeiro» [est. 15] ..., pelos bandidos que os podem assaltar [est. 12] – talvez, por isso, iam armados, pois, pelo menos um deles, Jorge Carneiro, levava um arcabuz com que matou, como anota ironicamente o poeta no epitáfio do «honrado sepulcro» que lhe deram, um pisco [fl. 10r] –, para se demorar, esquecendo uvas e vindimas, na decepção das condições de vida com que depararam em Aregos.

Deixando as duas ou três referências [est. 2, 27, 28] aos já comentados amores freiráticos, destaquemos do poema alguns momentos, tentando compreendê-los, nas suas múltiplas alusões, no seu contexto cultural.

Apanhemo-los já em Entre-os Rios:

*E como era domingo nos lembramos
De missa ouvir, e para não perdê-la
A Entrambos Rios aportamos
Onde tinham tocado a entrar a ela;
Achamo-la no fim quando chegamos
(Por quão pouco ficávamos sem ela!),
Que o clérigo a bênção já dar queria.
Jantamos, e fizemos nossa via. [est. 9]*

Esta nota de viagem não oferece apenas uma referência ao cumprimento do preceito da missa dominical que obriga os viajantes a uma paragem em Entre-os-Rios. Se repararmos, ouvem o sino de aviso de que a missa ia começar, e quando chegam a missa estava no

⁵⁹ Para a importância de Arnelas e Carvoeiro no comércio do vinho, SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 140, 621, 874, 893.

fim, quer dizer, no momento em «que o clérigo a bênção já dar queria». Ainda assim, tomando a parte pelo todo e, certamente, a intenção de cumprir pelo cumprimento, comenta o poeta, em à parte, que não ficaram sem missa («Por quão pouco ficávamos sem ela»). Como explicar, então, que tendo posto tanto empenho no cumprimento do preceito de ouvir missa («para não perdê-la»), tendo ouvido o sino, tenham chegado quando ela acabava? Mais que a qualquer atraso dos viajantes, penso que há que atribuir o facto à rapidez com que o clérigo de Entre-os-Rios a celebrou... E a rapidez da celebração da missa – e consequentes descuidos e irreverências – vinha, efectivamente, ditando, de muito antes, toda uma crítica – capítulo de um rol mais amplo – que ainda podemos seguir, por exemplo, nas páginas de *Motivos espirituales* (Lisboa, 1620, mas circulando ms. desde, pelo menos, 1607) do arrábido Fr. Rodrigo de Deus e, sobretudo, da *Instrucción de Sacerdotes* (Burgos, 1608) em que o seu autor, Antonio de Molina, um jesuíta que passou à Cartuxa, considerando que prevalece «en estos tiempos tan generalmente un extremo tan vicioso y tan perjudicial de decirse las misas con grande irreverencia, por demasiada prisa y aceleración, isto é, acelerada y atropelladamente», propõe, distinguindo algumas (poucas) circunstâncias, que o sacerdote, sem fazer caso de murmuradores e impacientes que, sendo a missa demorada, alegam «molestia, pesadumbre e incomodidad porque han de acudir a sus ocupaciones y oficios, y aun escándalo de que el sacerdote se detenga mucho», que o tempo da missa seja moderado, mas sempre de modo que possa ser dignamente celebrada⁶⁰. A mesma crítica, aplicada agora aos «clérigos de missa» das aldeias, podíamos ouvi-la já no diálogo entre dois espanhóis, também eles viajantes, que Juan de Arce de Otálora (1561), um nobre magistrado mitigadamente erasmista, evoca nos seus *Coloquios de Palatino y Pinciano*:

Platino – [...]; vámonos a la iglesia a hacer oración.

Pinciano – No, sino a oír missa; que aquí [Villalar], aunque sea de mañana, la hallaremos [...]

Platino – No querría yo que fuese la missa tan larga como la de ayer.

Pinciano – No hayáis miedo, que los clérigos de aldea, por beber e irse a sus heredades y haciendas, acaban presto y no tienen tan largos mementos.

[...]

Pinciano – Ya llaman a missa. Entremos en la iglesia y téngannos los caballos a la puerta. Tarde llegamos, que ya han dicho la confesión [...] Aldraban estos clérigos estas misas de réquiem⁶¹.

⁶⁰ Por acessível, desta obra de extensa difusão utilizamos a seguinte edição: MOLINA, Antonio de (1963) – *Instrucciones sacerdotales*. Salamanca: s. e., II, p. 125, 127, 139; segundo António de Molina, atendendo a todas as circunstâncias, por «missa moderada» deveria entender-se a que demorasse entre 45 minutos e 1 hora;

⁶¹ OTÁLORA, Juan de Arce de (1995) – *Coloquios de Palatino e Pinciano*. Edición y prólogo de Juan Luis Ocasar Arisa. Madrid: Turner (Biblioteca Castro), I, p. 321-322 (Trata-se da 1.ª edição de uma obra até então inédita). Note-se, contudo, que, naturalmente, a questão não respeitava apenas aos clérigos do mundo rural, pois a busca de missa dita rapidamente por parte de cortesãos e gente citadina, jovem especialmente (galantes..., «lindos»), é um tema, aflorado por Fr. Antonio de Guevara, *Aviso de privados y doctrina de cortesanos* (Valladolid: J. de Villaquirán, 1539), Cap. VII, em que insiste alguma literatura que poderá dizer-se «costumbrista», como, por exemplo, ZABALETA, Juan de – *El día de fiesta por la mañana* (Madrid: María de Quiñones, 1654), Cap. I, e SANTOS, Francisco – *Día y noche de Madrid* (Madrid: Pablo de Val, 1663) Disc. VIII.

Creemos que quer as críticas considerações de Antonio de Molina, formuladas em termos gerais, introduzindo-nos ao que, em sentido translático, poderia dizer-se alguns dos «universais» da questão, quer o texto de Arce de Otálora, concretizando-as em circunstâncias de sujeito – sacerdote de aldeia... –, de tempo – manhã... –, de lugar – aldeia... –, de facto e modo – a rapidez com que os clérigos diziam a missa... – e das justificações desse mesmo facto – beber e ir cuidar das suas propriedades e negócios... –, parecem não só afiançar-nos estarmos perante uma velha tradição crítica – Lutero também não a esqueceria⁶² – e, no caso do nobre magistrado, até retoricamente formulada, mas também dispensar-nos de mais qualquer outro comentário à realidade – ou, dado o género satírico do poema, à possível realidade – da passagem da *Jornada* que destacamos⁶³.

Imediatamente surgem as «povoações de Paiva» a que dedica duas estâncias [10, 11] que representam, tanto quanto sei, a única vez que estas terras assomam à literatura, quer dizer, ao documento literário e não ao documento de arquivo.

*Daqui, à mão direita, as povoações
Estão de Paiva, terra nomeada,
Onde há gente de grandes opiniões
A louçainha muito afeiçoada.
Esta terra foi sempre de ladrões,
Agora é de escudeiros habitada.
O mesmo será hoje que era então,
Que o mesmo é escudeiro que ladrão.*

*Daqui são os famosos jogadores
Do trunfo a quem vantagem confessamos,
Que nem em Porto-Rico os há melhores
Donde natural ser o trunfo achamos.
Aqui deixando, pois, estes senhores
A ver outros lugares nos chegamos,
E a ti, oh terra bem aventurada,
Se o nome inda hoje tens de Alpendorada. [est. 10-11]*

⁶² M. Lutero em *Prélude sur la captivité babylonienne de l'Église* (1520). In *Oeuvres*, ed. cit., p. 709-824, partindo da «feira», «negócio» em que se tinha convertido a Eucaristia (missa), discute, para além de fundamentações teológicas, não só as muitas «cerimónias» e «pomposas» que, «transfigurando-a», fariam perder o seu sentido essencial, mas também a sua «ininteligibilidade» por falta de compreensão por parte dos que rodeiam o altar, derivada quer da falta de pregação da Palavra quer do desconhecimento do Latim. Cf. LÉONARD, Émile G. – *Historia general del Protestantismo – I – La Reforma*, ed. cit., p. 75.

⁶³ João Francisco Marques nas densas páginas dedicadas a «Rituais e manifestações de culto» em que estuda o cumprimento do «Preceito dominical» e «A celebração do sacrificio da missa» in AZEVEDO, Carlos de (dir.) – *História religiosa de Portugal*, ed. cit. II, p. 517-525, não teve em conta esta face da questão.

Por necessidade de rima ou não, o poeta começa por afirmar que *Paiva é terra nomeada*, isto é, bem conhecida, «onde há gente de grandes opiniões»... Dos vários sentidos de «opinião» podemos registar juízo (bom ou mau) ..., reputação duvidosa..., pun-donor..., presunção e petulância..., intento ou empresa... Como, porém, outra das características das suas gentes que Tavares Carneiro assinala em estreita relação com o gozar da fama de ser amiga de *opiniões* é ser «a louçainha muito afeiçoada», quer dizer, gostar de galas festivas e fausto no vestir – assim o garante Fr. Domingos Vieira no seu *Grande Dicionário Português* – será, de momento, aconselhável escolher entre os sentidos de «opinião» o que significa presunção... A gente de Paiva, nesses começos do século XVII, seria, assim, *nomeada* pela sua presunção no vestir. No entanto, teremos notado que nesses dias – *agora* –, esta terra que tinha sido «sempre de ladrões», tinha passado a ser «de escudeiros habitada»... Um salto qualitativo que dir-se-ia apagar um passado. No entanto, os dois versos seguintes são arrasadores para esta interpretação, pois «O mesmo será hoje que era então / Que o mesmo é ser escudeiro que ladrão». Verdadeiramente, portanto, não houve esse salto qualitativo que imaginávamos, pois essa pequena nobreza que habitava a terra de Paiva não passava de escudeiros, o mais baixo escalão nobiliárquico desprezado pelos nobres autênticos ou que tal se supunham. Tratava-se, em geral de pequeníssimos nobres pobres ou a caminho do empobrecimento, que se alimentavam quase somente da sua vazia presunção de fidalgos, pois, como assinala Arce de Otálora nos seus diálogos em alusão à «vexata quaestio nobreza / pobreza, la hidalguía sin hacienda, como la de los escuderos, es hidalguía muerta, como la fe sin obras»⁶⁴. Depois de Gil Vicente, a sátira peninsular mais desapiedada a este tipo social – «se llamaban escuderos, porque eran escusados en el mundo, y sin provecho»⁶⁵ – é a bem conhecida que registou, na sua novelada «autobiografia», Lazarillo de Tormes, um pobre moço castelhano que, dentre os vários pobres de corpo ou de espírito que serviu, também teve por amo um escudeiro que, faminto, se via na necessidade de comer do que o seu criado encontrava ou roubava, sem, por isso, deixar quer de lembrar que as casas que possuía em Valladolid o poderiam fazer rico se estivessem de pé quer de cuidar, com preciosismos de pobre, a sua capa e a sua espada, as suas louçainhas, quer ainda, presumindo do seu estatuto, de pretender negar aos outros as fórmulas de tratamento que lhe eram devidas. E se estivermos recordados daqueles três fidalgos do Porto que, tendo-se na conta de grandes fidalgos, não passavam de ladrões, teremos de aceitar que a sátira do poeta nos impõe escolher dentre os significados para «opinião», presunção... A presunção, com todas as suas conseqüências, seria a característica das gentes de Paiva vistas pelo prisma dos seus escudeiros, categoria social em que, ao parecer, abundava. Para consolo destas *povoações*, os viajantes irão encontrar mais algum escudeiro entre Mourilhe a e foz do Bestança.

⁶⁴ OTÁLORA, Juan de Arce de – *Coloquios de Palatino e Pinciano*, ed. cit., I, p. 238-240.

⁶⁵ OTÁLORA, Juan de Arce de – *Op. Cit.*, ed. cit., I, p. 236.

Há, porém, algo mais que, a propósito das *povoações de Paiva*, o poeta anota e que, ao parecer, não cabe deitar à conta da presunção, pois é uma realidade: «Daqui são os famosos jogadores / do trunfo», isto é, de certo tipo de jogo de cartas, tão famosos que suplantam os de Porto-Rico, terra que passava, segundo o poeta, por estar na origem desse jogo que, em alguma das suas modalidades, obrigava a dinheiro ... Era uma realidade esta que, estendida dos reis desse tempo às gentes de Paiva, nem leis nem sermões nem avisos de pais e moralistas logravam desterrar⁶⁶...

Precisamente, entre Mourilhe e a foz do rio Bestança [est. 15-20] resolvem pedir dormida em *casa de um lavrador a modo de escudeiro*, o que bem necessário lhes seria não só pelo cansaço da viagem e da mal dormida noite anterior, mas também pelo grande medo («Levando cada qual perdida a cor, [...] / Temerosos, enfim, batendo os dentes», est. 12) de serem acometidos, pelo cair da noite, pelo *Lutador*⁶⁷, um famoso assaltante que, dizia-se, pairava pelos sítios da ribeira de Comprentes [est. 12], um pouco antes da Senhora da Cardia, ponto este onde, aliviados, passam podendo contar «Com duas horas inda ou mais do dia». Depois, sossegadas as suas desconfianças com garantias de que não lhe vinham roubar as uvas e os figos, o *lavrador* acabou por conversar, interessando-se pelo preço da uva na praça do Porto, se lá havia sal e sardinha e ainda se eram chegadas as naus do Oriente e se «andava do inglês a armada fora». Mais que simples curiosidade por notícias frescas, as suas perguntas, sátira à parte, são outras tantas preocupações não só de lavrador *a modo de escudeiro* pobre ou relativamente pobre – a sua fortuna parece não passar de uva e figo, pedindo até que lhe dêem *algum conforto*, isto é, socorro, esmola, em sardinhas e sal – preocupado com a venda do seu vinho no Porto – «Nos perguntou que tal ficava a praça / e por que preço ia a uva lá» – e, perante a resposta – «que de graça –, jurava fazê-la toda em passa, / Blasfemando do ano juntamente / Que dera tanta e tal fortuna à gente» –, mas também as de um português dos finais do século XVI e começos primeiros anos do seguinte. Eram dias em que os portos portugueses e espanhóis se viam, oficial ou oficiosamente, vítimas do corso inglês⁶⁸ – entre outros, naturalmente – e as armadas portuguesas e espanholas,

⁶⁶ CARVALHO, José Adriano de Freitas (2009) – *Pais e nobres – II – A descendência portuguesa de dum texto célebre: a Instrucción de Juan de Vega a seu filho Hernando de Vega* (1548). Porto: CIUHE, p. 205-220.

⁶⁷ Curiosamente, Cidália Dinis, *Obras burlescas de Tomé Tavares*, ed. cit., p. 240, em nota a esta passagem da *Jornada* identifica este *Lutador* com Hermígio Gonçalves, um implacável companheiro de armas do rei Afonso Henriques contra os mouros, morto em Ourique e pai do não menos célebre Traga-Mouros de vária lenda. Estaremos diante da sobrevivência da fama popular desse feroz guerreiro por estas terras do baixo Douro? Identificaríamos os viajantes essa fama com a fama dos habitantes desses lugares? São hipóteses possíveis, mas o mais provável, se não quisermos também defender que o poeta e seus companheiros estavam, com auto-ironia, a divertir-se com o medo de um fantasma, é pensar que nessas paragens se acoitava um famoso assaltante bem conhecido (*nos tinham dito algúas gentes*), que, por coincidência – casual ou referível à tradição popular da fama do remoto guerreiro? –, levava o mesmo apodo que distinguiu o companheiro do primeiro rei de Portugal.

⁶⁸ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 89, 111-112, 303, 343, 774, 776, 781; *O corso inglês e as populações do litoral lusitano (1580-1640). Actas do congresso Santos Graça de Etnografia Marítima*. Póvoa de Varzim: 1985, III, p. 311-330.

sempre ansiosamente esperadas para alívio do tesouro real, fossem elas da Índia ou das Índias, conheciam, além de trágicos naufrágios, assaltos da armada de uma Inglaterra que, até às pazes de 1605, fazia guerra à Espanha de Filipe II e Filipe III, uma Espanha a braços também, com tréguas ou sem elas, com a guerra das províncias holandesas. O *Memorial* de Pêro Roiz Soares pode bastar-nos para compreender as perguntas desse português que tinha o rei em Madrid... Cativado «com mil mentiras nascidas daquel'hora» que lhe dizem os viajantes, acaba o lavrador por lhes ceder um palheiro e este – notemos outro sinal de pobreza – com «pouca palha e nesta envolta / Grande cópia de côncavas gamelas». Sejam o que forem estas *côncavas gamelas* eram coisa de pouco e incômoda, mas era a única de que havia *grande cópia*, quer dizer, abundância, em casa do *vilão*, termo que podemos carregar aqui com todo o desprezo que o contexto permite – vilão de vil e de vila –, desprezo que levou os viajantes, *quebradas as costelas* – a nem sequer dele se despedirem...

Logo a seguir aos presumidos das *povoações de Paiva*, os pobres ou empobrecidos autênticos.

Mas o grande desengano está reservado ao poeta e seus amigos à sua chegada às *desejadas* caldas de Aregos [est. 23-27].

Descansando em terra do *largo caminho*, eles, que iam às vindimas, que encontraram nas caldas? Em lugar das *quintas* que *cá* (no Porto?) *nos dão*, isto é, nos fazem imaginar, possivelmente pelas evocações da própria gente do Douro ou, por se tomarem as exceções por regra geral, *por quintas afamadas*, entenda-se quintas grandes e ricas, o que vieram a encontrar não passava de «Pobres casas, vis, terreiras / tão somente acompanhadas / de quatro pés ou cinco de videiras»... Estamos em crer que, procurando desfazer do imaginário urbano sobre essas quintas, o poeta põe, assim, em causa a falsa, mas embelecida, imagem que se tinha dessas terras, quaisquer que fossem os modos e os sentidos por que se construía. Essas terras passam então a ser somente um vago «lá», mesquinho e pobre, recordado – o poema é escrito no regresso – que, à hora de avaliar distâncias e ilusões, o poeta opõe ao seu *cá* (o Porto?). Com alguma violência ao silêncio do texto, é possível sugerir que por lá também houvesse «gente de grandes opiniões» que, mais que eludir a pobreza com tintas de grandeza, fundia, confundindo-as, a realidade vivida na realidade imaginada e assim a transmitia... Podia ser este um dos sentidos e um dos modos para a embelecida imagem que de lá *cá nos dão*... A esta desilusão do *habitat* há que somar a da vida que, não sabemos por quanto tempo, foram levando «Onde tudo estava sobejando / Quanto pode ter nome de regalo». Ao ler a recordação do «vinho velho» que à falta do certamente esperado «vinho novo» tinham que beber..., das «galinhas», comida sempre considerada leve e própria para doentes, que «supriam» «a vaca», do «peixe», obviamente do rio, que, em lugar de sardinhas, essas sardinhas tão desejadas pelo «lavrador a modo de escudeiro», seu hóspede, tinham de comer em dia de abstinência («dia de peixe»), podemos, por nossa conta, imaginar os «cem mil mimos» que, «no monte», faziam dessas «horas tristes e mesquinhas» uma «vida / Que tal nunca levou Sardanápalo», esse rei de Ninive que vivia no conforto e prazer. Vida de Sar-

danápallo ao revés, obviamente, e, portanto, imitando («tomando exemplo») a de algum ermitão «que assi passava a vida miserável». A outra face, nem preciso seria dizê-lo, de uma imagem que, desfeita, o Douro arrastava...

Deixemos esta crítica – mais uma – a gente religiosa (Cervantes também se rirá dos ermitãos⁶⁹) e lembremos que mais do que um testemunho de uma desilusão, o que Tavares Carneiro nos oferece na sua sátira é, para o dizer de algum modo, uma completa «desidealização» da vida do campo, essa «aldeia» que, metamorfoseada de natureza em paisagem objectivável e, conseqüentemente, distante, um certo horacianismo, nem sempre isento de ironia, consagrou, por oposição à vida de corte (a cidade), em *Menosprecio de corte y alabanza de aldea* (Valladolid, 1539) de D. António de Guevara, obra de larguíssima fortuna dedicada ao rei João III de Portugal. Recordemos novamente que, já antes dos fins do século XVI e ao largo do século XVII, o viver no campo para citadinos e cortesãos que não eram excepcionais senhores como, por exemplo, os duques de Alba, de Bragança, de Aveiro que por razões de preeminências e de, pela distância, afirmar a sua hierarquia, residiam sempre ou, dado os seus cargos palatinos, sempre que possível, nos palácios de suas terras, era algo, como assinala Juan de Arce de Otálora na sua crítica a Guevara – «A ese obispo no le creeré, que también dice mil bienes de la vida del aldea, y según lo que hemos pasado de anoche acá, en esta no le hallo ninguno»⁷⁰ –, por muitas razões, pouco recomendável e, para muitos, comparável ao desterro. Tavares Carneiro dedicou mesmo uma quadra *A um fidalgo que indo menino para a aldeia, veio depois às festas de S. João sem saber falar*, quer dizer, tal como o santo «conversava com bestas / [ele] de besta não [sabia] falar» (fl. 8r). E D. Francisco Manuel de Melo, que viria a corroborar, em 1650, os inconvenientes da aldeia, inclusivamente para a educação, a partir de certa idade, dos filhos dos homens de corte, tinha para si que o ir morar nas quintas longínquas, a menos que houvesse ponderável justificação – criar os filhos pequenos..., fazer economias... –, era uma espécie de «quinta essência da ciganaria» e ele mesmo, um cosmopolita nascido em Lisboa, dir-se-ia fazer sua, apesar de alguns louvores de ocasião com que pretende contrariar «os grandes cortesãos fazem a vivenda do campo aborrecível», a sentença de um que afirmava que se estava vinte e quatro horas no campo cuidava que se tornava boi⁷¹...

A *Jornada* acaba aqui, não sem antes, porém, o poeta recordar que a vida nas Caldas teria sido mais alegre se não fossem os cuidados de um dos amigos – Jorge Carneiro? – que

⁶⁹ FLOR, Fernando Rodríguez de la (2000) – *Eremitismo y marginalidade en la cultura española del Siglo de Oro*. «Via Spiritus», 7, p. 31-65.

⁷⁰ OTÁLORA, Juan de Arce de – *Coloquios de Palatino e Pinciano*, ed. cit., I, p. 318.

⁷¹ MELO, Francisco Manuel de (2003) – *Carta de guia de casados*. Ed. de Maria de Lourdes Correia Fernandes. Porto: Campo das Letras, p. 129. A julgar pelo «discurso» pro-cidade de uma carta «a um parente» seu (9.7.1646), D. Francisco parece aplicar o citado dito do cortesão, com alguma variante, a si próprio (*Cartas familiares*. Ed., prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmiento. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980, p. 122), convindo ter presente a carta «De ociosidade e galantaria» escrita, em 1641, «a um amigo retirado da corte» (*Cartas familiares*, ed. cit., p. 88-92).

não suportava ver-se ausente de uns seus novos amores com uma freira de Santa Clara [est. 27]. Talvez tenha sido esta a razão que ditou a pressa do regresso, tão rápido que, deixando para trás, em Varziela⁷², o «Valadares»⁷³ – outro dos amigos, possivelmente, embora o sentido da alusão com que o caracteriza («sirva de muela») nos escape –, nem tempo tiveram para ir visitar os monges de Alpendorada. Falta sua («errata») a corrigir.

Terminemos perguntando. Pura sátira para se divertir e divertir os seus leitores? A primeira parte da resposta terá que ser, evidentemente, positiva. À falta dos testemunhos de outros leitores, assim leu os poemas de Tavares Carneiro o desembargador Cristóvão Alão de Moraes que ao copiá-los lhes deu, segundo gosto do tempo, o título de *Obras burlescas*. No entanto, como certamente teremos anotado, sob esse verniz joco-sério que caracteriza a burla, há um levantar das máscaras da sociedade com quem de perto conviveu. Esperemos que os comentários não tenham diluído aqueles «gabar-se de» ..., «fazer-se de» ..., «prezar-se de» ... com que muitos dos criticados são expostos na sua realidade postiça. Não eram fidalgos, mas prezavam-se como se fossem..., eram clérigos, mas agiam como se não fossem..., eram freiras e tinham amores e davam dinheiro a ganhar..., eram fidalgos, mas procediam como plebeus..., poetas medíocres presumiam da sua arte a ponto de corrigir os poemas dos outros..., eram velhos e, pintando o cabelo, queriam passar por novos..., mulheres pequenas queriam passar por altas..., as afamadas quintas não passavam de quatro ou cinco pés de videiras..., a idealizada vida no campo não era mais que pura imaginação alimentada por um mítico retorno a uma natureza rica e amável⁷⁴... Podemos, por tudo isto, compreender muito bem que, por entre imprecações à Fortuna, Tavares Carneiro termine a sua *Jornada pelo Douro acima* confessando abertamente:

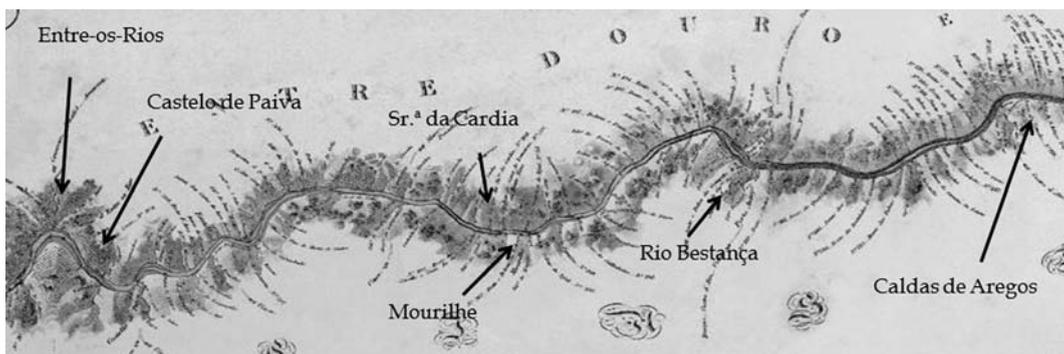
*Tudo acho falso, tudo solapado,
Não colho de experiências mais que enganos* [est. 29]

⁷² Cidália Dinis, *Obras burlescas de Tomé Tavares*, ed. cit., p. 245, identifica este topónimo com «um lugar da freguesia de Bairros [Fornos?], concelho de Castelo de Paiva», que efectivamente existe, embora, infelizmente, se situe nas margens do rio Paiva, longe da foz deste afluente do Douro que então, como durante séculos, seria quase inavagável. Sugerimos que o poeta aluda a um vasto sequeiro do mesmo nome situado na margem esquerda do rio Douro entre Pé de Moura e Areja, onde, ainda hoje, o rio faz a conhecida «volta da Lomba» (LEAL, A. A. Pinho (1873) – *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Liv. Editora de Mattos Moreira, I, p. 483).

⁷³ SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, ed. cit., p. 283, 431, 582, nomeia João Valadares Carneiro e Luís Valadares Carneiro, fidalgos que poderiam ser parentes do poeta. Um deles, João Valadares Carneiro, seria até um bom candidato a identificar como outro dos companheiros da *Jornada*. Para algumas precisões cronológicas e genealógicas sobre estes «Valadares do Porto», v. Cristóvão Alão de Moraes (1946) *Pedatura Lusitana*, Porto: Livraria Fernando Machado, I, 2, p. 397-401.

⁷⁴ ISAZA CALDERÓN, Baltasar (1966) – *El retorno a la naturaleza. Los orígenes del tema y sus direcciones fundamentales en la literatura española*. 2.ª ed. Madrid: s. n., p. 148-149, 159-194; LEVIN, Harry (1969) – *The myth of Golden Age in the Renaissance*. Bloomington – London: Indiana University Press, p. 112-138; REDONDO, Augustin (1979) – *Du Beatus ille horacien au «mépris de la cour» et éloge de la vie rustique d'Antonio de Guevara*. In *L'Humanisme dans les lettres espagnoles*. Études réunies et présentées par A. REDONDO. Paris: J. Vrin, p. 251-265; PEROUSE, Gabriel-André et NEVEUX, Hugues, edits., (1991) – *Essais sur la campagne à la Renaissance*. Paris: Société Française des Seizièmistes, p. 28-29, 41, 57-58, et passim.

Tavares Carneiro, um poeta de «obras burlescas»? Sem dúvida, mas que oferecem uma larga tela de fundo em que, rindo-se, vai, habilidosamente, tecendo um dos temas maiores da literatura que, para nos entendermos, podemos dizer «barroca»: o desengano. E, curiosamente, um dos pontos álgidos desse sentimento que determina a sua visão do mundo, manifestou-se ao subir o Douro há cerca de 400 anos.



Pormenor do mapa «Douro portuguez...», de Joseph James Forrester, indicando os pontos do percurso realizado por Tomé Carneiro em que houve paragens.

OUTAVAS À JORNADA
PELO DOURO ACIMA
COM UNS AMIGOS

Na transcrição do texto, desenvolvendo as abreviaturas, actualizamos discretamente a sua lição gráfica na cópia feita ou mandada fazer pelo jurista e poeta Cristóvão Alão de Moraes, datada de 1652, para o que introduzimos as seguintes alterações:

- 1 – Desenvolvemos *-ea>eia*; *-eo>eio*; *-eão>eiam*;
- 2 – Transcrevemos a 3.^a pessoa do plural *-ão* por *-am*;
- 3 – Eliminamos todos os *h* pseudo-etimológicos em *hum* e *hũa*;
- 4 – Tentamos dar uma certa coerência ao uso de minúsculas e maiúsculas;
- 5 – Acentuamos segundo as normas actuais;
- 6 – Procurando manter, tanto quanto possível, a pontuação, eliminamos, contudo, alguma vírgula e ponto final a favor do que nos pareceu ser o correcto entendimento.

[1]

*Considerando fomos nas malhadas
 Que aqui já se fizeram em tempo antigo,
 Porque sempre para estas cavalgadas
 Foi certo alcouce, e verdadeiro abrigo:
 São cousas que se vêm nunca cuidadas,
 São mudanças que o tempo traz consigo.
 Nestas e noutras cousas praticando
 Logo nos foi a China atrás ficando.*

[2]

*Da outra parte vimos Quebrantões,
 Por outro nome Guimarães chamada,
 Onde raros avisos, descrições
 Ocultas, aqui estão como em coutada.
 Logo chegando fomos aos capões
 Que estavam n'ũa mesa aparelhada
 Com iguarias de várias maneiras,
 Quiçá à custa de quem amava freiras.*

[3]

*Sobre isto murmurando um grande espaço
 Que até o vento Euro murmurava,
 Fomos chamando mil vezes madraço
 O que com freiras mal o seu gastava,
 Pois quem menos com elas era escasso
 Mais liberal com frades se mostrava,
 Que elas lhes dão, enfim, tudo o que têm
 E a desembarcar nelas tudo vem.*

[4]

*Defronte de Valbom vimos o assento
 De Avintes, por sinal que em terra tinha
 Derribados castelos mil de ventos
 Que o vento lhos levou que lhos sostinha*

.....

[5]

*Eis quando a insigne Arnelas aparece,
Arnelas conhecida bem por fama:
Terra que mais em bêbados florece
Que todas quantas Baco no mundo ama.
E, porque o vinho aqui jamais falece,
Terra dos beberrões esta se chama,
Estando de contino aqui cem mil
E de ordinário todos ao funil.*

[6]

*Passamos abaixando-lhe a cabeça,
Como pedindo paz ao taverneiro.
De lá nos responderam c'ũa peça
Que trazia consigo mui ruim cheiro.
O que visto per nós, a toda a pressa
Deixando atrás Boialvo e Carvoeiro,
Fazer detença algũa não quisemos
Té que junto de Melres nos pusemos.*

[7]

.....
.....
.....
.....

*Com toda a paciência nos lançamos
Era lástima ver como estivemos
Aturando o rigor da noite fria
Té que o dourado Sol nos trouxe o dia.*

[8]

*No tempo que a manhã nos descobriu
Despertamos e o sono nos deixou,
Se pode quem bocado não dormiu
Com verdade dizer que despertou.
Assi lentos do orvalho que caiu,
Que toda a noite em nós sempre orvalhou,
Levando um suão frio no focinho
Tornamos pelo Douro a abrir caminho.*

[9]

*E como era domingo nos lembramos
De missa ouvir, e para não perdê-la
A Entrambos Rios aportamos
Onde tinham tocado a entrar a ela;
Achamo-la no fim quando chegamos
(Per quão pouco ficávamos sem ela!),
Que o clérigo a bênção já dar queria.
Jantamos; e fizemos nossa via.*

[10]

*Daqui, à mão direita, as povoações
Estão de Paiva, terra nomeada,
Onde há gente de grande opiniões
A louçainha muito afeiçoada.
Esta terra foi sempre de ladrões,
Agora é de escudeiros habitada.
O mesmo será hoje que era então,
Que o mesmo é escudeiro que ladrão.*

[11]

*Daqui são os famosos jogadores
Do trunfo a quem vantagem confessamos,
Que nem em Porto-Rico os há melhores
Donde natural ser o trunfo achamos.
Aqui deixando, pois, estes senhores
A ver outros lugares nos chegamos.
E a ti, oh terra bem aventurada,
Se o nome inda hoje tens de Alpendorada.*

[12]

*Passamos a Ribeira de Comprentes
Levando cada qual perdida a cor,
Porque nos tinham dito algũas gentes
Que desta terra era o Lutador.
Temerosos, enfim, batendo os dentes,
Efeitos que onde estão causam temor,
Chegamos a passar pela Cardia
Com duas horas inda ou mais do dia.*

[13]

*Em Mourilhe uns amigos encontramos
Que nos mandaram vir refresco à praia,
Mas não nos sucedeu como cuidamos,
Que não passaram muito além da raia.
Despois que de ãa casa lhe contamos
Que no remate está de Miragaia,
Licença lhe pedimos e com ela
Soltamos outra vez ao vento a vela.*

[14]

*Já as estrelas no céu resplandecentes
O escuro da noite descobria
Persuadindo as cansadas gentes
Co repouso do trabalhoso dia.
Quando em mil pareceres diferentes
Estavamos sobre onde se acharia
Lugar onde pudessem os já cansados
Membros passar a noite repousados,*

[15]

*Nisto, o arrais ãa casa nos mostrou
De um lavrador a modo de escudeiro,
Que vista, entre todos se acordou
Lhe fossemos pedir algum palheiro.
Ele em chegando a nós nos perguntou
Donde éramos. Tornou-lhe um companheiro:
Somos do Porto, pelo Douro acima
Vamos às Caldas a fazer vendima.*

[16]

*Não vimos como outros levantados
Que com capa de paz sendo inimigos
Devassando vos vêm vossos tapados
Vossas uvas roubando e vossos figos.
Não vem, não, de tal brio acompanhados
Quem traz oferecidos os embigos
A serenos e orvalhos, quais sentimos
A noite que na praia ao ar dormimos.*

[17]

*Lastimado algum tanto de nós já,
 Nos perguntou que tal ficava a praça
 E por que preço ia a uva lá.
 A quem nós respondemos que de graça.
 Fez a isto ãa cara muito má
 Jurando de fazê-la toda em passa,
 Blasfemando do ano juntamente
 Que dera tanta e tal fortuna à gente.*

[18]

*Perguntou mais se havia sal no Porto
 E se vinham pinaças de sardinha.
 Pedindo disto tudo algum conforto
 Se em nossa companhia acaso vinha.
 Nós, como soem dizer, de fogo morto
 Lhe demos a reposta que convinha,
 De que ele não ficou mui namorado
 E por pouco negava o agasalhado.*

[19]

*Tornando à pergunta mais por diente,
 Que amiúde o faz já sem demora,
 Se eram vindas as naus já do Oriente
 E se andava do inglês a armada fora.
 A isto lhe dissemos de repente
 Mil mentiras nascidas daquel' hora.
 Depois que das perguntas se rasou
 Onde estava o palheiro nos mostrou.*

[20]

*Entrados no palheiro à rédea solta,
 Mas não tinham inda fim nossas mazelas,
 Que achamos pouca palha e nesta envolta
 Grande cópia de côncavas gamelas.
 Até que tornou Febo a dar a volta
 Nos erguemos quebradas as costelas
 E sem nos despedirmos do vilão
 Tornamos para a nossa embarcação.*

[21]

*Porém, como depois da grão tormenta
É infalível sempre haver bonança
E quem primeiro o mal não experimenta
Pouco sabe do bem quando o alcança,
Assim com um brando Norte que nos venta
Entramos pela foz do rio Bestança
Onde fomos achar um novo amigo
Que nos deu muita uva, noz e figo.*

[22]

*Pedimos-lhe se por li havia putas
Nos quisesse mandar algũas vir;
Por resposta nos deu que havia muitas,
Mas que eles as sabiam sacudir.
Porém, se nós quiséssemos, das frutas
Que havia nos podíamos servir.
A isto com mil graças respondemos
E juntos para baixo nos viemos.*

[23]

*Meia légua não tínhamos andado
Despois que de Bestança nos partimos,
Quando do manso rio desejado
As desejadas Caldas descobrimos.
Com um contentamento desusado,
Tomando porto, em terra nos saímos
Onde junto do Douro nos sentamos
E do largo caminho descansamos.*

[24]

*Contar as pobres casas, vis, terreiras
Que vimos tão somente acompanhadas
De quatro pés ou cinco de videiras,
Que cá nos dão por quintas afamadas,
Pedia, se puderam estas lazeiras
(Sem praga parecer), serem contadas.
Mas muito bem, senhor, sabeis vós parte
Que nunca praguejar foi de minh'arte.*

[25]

*Aqui ficamos, pois, vida levando
 Que nunca tal levou Sardanápalo
 Onde tudo estava sobejando
 Quanto pode ter nome de regalo.
 Finalmente aqui estávamos nadando
 Em cem mil mimos, fora o mais que calo
 Que inda é mais: era tudo tão sobejo
 Que passava a medida do desejo.*

[26]

*Por faltar vinho novo em velho damos
 E a vaca suprimos com galinhas
 E se em dia de peixe nos achamos
 Não falta fresco à falta de sardinhas.
 Desta sorte no monte nos estamos
 Passando as horas tristes e mesquinhas
 Tomando exemplo no ermitão notável
 Que assi passava a vida miserável.*

[27]

*Com tudo muito mais alegremente
 Passáramos a vida em tal estado,
 Se este meu companheiro tão doente
 Não andara com seu novo cuidado.
 Nem pode menos ser enquanto ausente
 Se vir de Santa Clara remontado,
 Que a quem com mimo quer tratar, Amor
 Tira-lhe um bem por dar-lhe outro melhor.*

[28]

*Tirou-lhe a ãa bela creatura
 Não quanto bela de saber dotada,
 Outra lhe deu que é a mesma Ferosura,
 Não menos que ferosa e avisada.
 Não é novo costume da Ventura
 A uns dar tudo, a outros não dar nada,
 A uns leva de um bem noutra melhor:
 A mim sempre de mal para peor.*

[29]

*Da experiência tenho já alcançado,
No discurso dos meus vinte sete anos,
Não me ter a Fortuna nunca dado
Mais que perdas e inumeráveis danos.
Tudo acho falso, tudo solapado,
Não colho de experiências mais que enganos.
Qui-lo assi minha sorte esquiva e dura
Que não nacesse para mais ventura.*

[30]

*Enforque-se a Ventura, que nem eu,
Pois se muda mil vezes a traidora,
Quero ou desejo bem que seja seu
Por não ter a mudança por senhora.
Já me não tirará um bem que é meu
Que metido cá n'alma tenho agora
Com que a todos os males me defendo
E entenda-me quem pode, que eu me entendo.*

[31]

*Passou com tanta pressa esta jornada!
A musa vendo que era tão comprida
Que dos frades tratar de Alpendorada
Se não lembrou por ir tão de corrida.
É errata que fica reservada,
Vai dentro nesta como descaída.
O Valadares sirva de muela
Que também nos ficou na Varziela.*

APÊNDICE

Mote. Indo o Tavares pelo Douro acima com Jorge Carneiro que atirando a um pisco ribeiro o matou, e depois saindo em terra lhe deram honrado sepulcro com este epitáfio

*Aqui jaz Pisco Ribeiro
que de mil cores reluz
e posto sobre um tojeiro
foi morto c'um arcabuz
por mãos de Jorge Carneiro.*

[BPMP, ms. 736, fl. 10r]

ÍNDICE DE AUTORES

A

ALCIATO, 20
 ALMEIDA, M. Lopes de, 15
 ANAYA, Jorge Carneiro de, 27
 ARCE DE OTÁLORA, Juan de , 35, 37, 40
 ARCO Y GARAY, Ricardo del , 20
 ARNOLD, Mathieu, 24
 ASENSIO, Eugenio, 16
 ASSIS, Francisco de, 26
 AZEVEDO, Carlos de, 25, 36

B

BAÍA, Jerónimo, 10
 BASTO, Artur de Magalhães, 23
 BERNARDES, Diogo, 12, 13
 BIANCHINI, Geminiano, 24
 BOAVENTURA, Jorge, 32
 BOUZA ÁLVAREZ, Fernando, 23
 BRITO, João Soares de, 30

C

CAMACHO, Diogo, 10
 CAMARERO, Manuel, 16
 CAMELO, Pêro Lopes, 13, 16, 19, 20, 32
 CAMÕES, Luís de, 14, 29, 30
 CARNEIRO, João Valadares, 41
 CARNEIRO, Jorge, 13, 26, 27, 34, 40, 55
 CARNEIRO, Luís Valadares, 41
 CARVALHO, Francisco Roiz de, 15, 26, 29
 CARVALHO, José Adriano de Freitas, 38
 CERVANTES, Miguel de, 16
 CIRNE, Pêro Vaz, 13, 21
 CLARAMONTE, João Sucarelo de, 10, 25
 COLLARD, André, 29
 COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de, 16
 CRUZ, António, 11, 22
 CUNHA, Pedro da, 13, 26

D

DANTAS, Júlio, 32
 DEUS, Rodrigo de, 35
 DINIS, Cidália, 11, 32, 38, 41
 DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio, 23, 24

F

FEIO, Francisco, 30
 FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, 10, 25, 40
 FERNÁNDEZ TERRICABRAS, Ignasi, 25
 FERNÁNDEZ, Máximo García, 23

G

GIUSTINIANI, Paolo, 24

GONÇALVES, Hermígio, 38
 GÓNGORA, Luis de, 10, 12
 GUEVARA, António de, 35, 40, 41

H

HERRERO GARCIA, Miguel, 29

I

ISAZA CALDERÓN, Baltasar, 41

L

LA MATTINA, Rosolino, 32
 LAZARILLO DE TORMES, 37
 LEAL, A. A. Pinho, 41
 LÉONARD, Émile G., 24, 36
 LEVIN, Harry, 41
 LIENHARD, Marc, 24
 LIMPO, Baltasar, 23
 LISBOA, Marcos de, 23
 LUTERO, M., 24, 36

M

MACEDO, José Adílio Barbosa, 13, 22
 MACHADO, Diogo Barbosa, 30
 MALDONADO, Felipe C. R., 16
 MARQUES, João Francisco, 36
 MARTINS, Mário, 12, 25
 MÁRTIRES, Bartolomeu dos, 23
 MEDICIS, Giovanni dei (Leão X), 24
 MELO, Francisco Manuel de, 40
 MENDONÇA, Jerónimo de Mesquita de, 13, 22, 27, 28
 MOLINA, Antonio de, 35, 36
 MORAIS, Cristóvão Alão de, 11, 12, 20, 30, 41, 46

N

NEVEUX, Hugues, 41
 NOVAIS, Paulo de, 26, 27

O

OCASAR ARISA, Juan Luis, 35
 OLIVEIRA, António de, 21

P

PEGADO, César, 15
 PEROUSE, Gabriel-André, 41
 PETTINELLI, Rosanna Alhaique, 24
 PONTES, Maria de Lourdes Belchior, 25

Q

QUEVEDO, Francisco de, 11, 12
 QUIRINI, Pietro, 24

R

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando, 40
 RODRÍGUEZ MOÑINO, Antonio, 13

S

SABATER SECO, Maria de los Ángeles , 23
 SANTOS, Francisco, 35
 SÁNZ HERMIDA, Jacobo, 16
 SARMENTO, Maria da Conceição Morais, 40
 SCARAFFIA, L., 25
 SILVA, Francisco Ribeiro da, 10, 16, 17, 21, 22, 23, 27, 32,
 34, 38, 41
 SOARES, Franquelim Neiva , 13, 15
 SOARES, Pêro Roiz, 39
 SOBAGUA, Luís Álvares, 13
 SOUSA, António Caetano de, 11, 15
 SOUSA, Diogo Lopes de, 21, 22

SOUSA , Henrique de, 20, 21

SOUSA , Manuel Faria e, 30

SOUSA , Pantaleão Seabra de, 13, 22

T

TORREMOCHA HERNÁNDEZ, Margarita, 19

V

VEGA, Lope de, 20
 VEIGA, Tomé Pinheiro da, 25
 VICENTE, Gil, 37
 VIEIRA, Domingos, 37

Z

ZABALETA, Juan de, 35

ZARRI, Gabriella, 25

